

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL
FUNDAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA EM CIÊNCIAS DA SAÚDE - FEPECS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ESCS

PROJETO POLÍTICO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Versão Atualizada
BRASÍLIA, MARÇO 2010

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (em exercício)

Wilson Ferreira de Lima

SECRETÁRIO DE ESTADO DE SAÚDE

Joaquim Carlos da Silva de Barros Neto

**DIRETORA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA EM
CIÊNCIAS DA SAÚDE – FEPECS**

José Rubens Iglesias

DIRETOR DA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE-ESCS

Mourad Ibrahim Belaciano

COORDENADORA DO CURSO DE ENFERMAGEM (respondendo)

Leonora de Araújo Pinto Teixeira

ELABORAÇÃO

Grupo de trabalho constituído pela Portaria nº 44, de 20/08/2002, publicada no DODF de 22/08/2002, para elaboração do Projeto da Criação do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Saúde da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal

- **Rosângela Conde Watanabe** – Diretora Executiva /FEPECS/SES
- **Cândida Elizabeth de Almeida Kaniak** - ESCS/FEPECS/SES
- **Mourad Ibrahim Belaciano** - ESCS/FEPECS/SES
- **Paulo Sérgio França** - ESCS/FEPECS/SES
- **Anderson Cardoso de Araújo** – Procuradoria Jurídica/FEPECS/SES
- **Asenath Teixeira de Menezes Farinasso** – ETESB/FEPECS/SES
- **Lúcia da Conceição Barreiras Manso** – CODERH/FEPECS/SES
- **Glaice Pereira Vieira** – FEPECS/SES
- **Maria Soneide Nunes de Oliveira** – ESCS/FEPECS/SES
- **Maria de Lourdes Cunha Pereira** – Centro Cirúrgico/HBDF/SES
- **Rita de Cássia Minetto** – Educação Continuada/HBDF/SES
- **Fátima Aparecida Cardoso** – CSB 01- Paranoá/SES
- **Arilda de São Sabbas Pucu** – Ministério da Saúde

Consultora:

- **Luzia da Silva** –Prof^ª. Ms. Saúde Pública-UFMG

Revisão de Português:

- **Glória Regina de Souza Pereira**

Atualização

- **Leonora de Araújo Pinto Teixeira** – CCE/ESCS/FEPECS
- **Maria Soneide Nunes de Oliveira** – CCE/ESCS/FEPECS

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Caracterização do Distrito Federal	7
2.1. O Sistema de Saúde do Distrito Federal	8
2.2. Cenário de inserção do Curso de Graduação de Enfermagem ESCS/FEPECS	12
3. Justificativa	13
4. Diretrizes Curriculares	16
5. Objetivos do Curso	18
6. Competências e Habilidades	19
7. Perfil do Egresso	20
8. Metodologia	21
9. Organização Curricular	25
9.1. Tópicos de Estudo	28
9.2. Semana Padrão	29
9.3. Estrutura Acadêmica e Administrativa do Curso	30
9.4. Processo de Ensino-Aprendizagem	31
9.5. Características da Capacitação	32
9.6. Recursos de Aprendizagem	32
9.7. Momentos de Aprendizagem	33
9.8. Matriz Curricular	34
10. Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem	35
11. Articulação Ensino, Pesquisa, Extensão e Comunidade	39
12. Bibliografia Básica do Curso	40
13. Instalações de Apoio ao Ensino	57
13.1. Laboratório de Habilidades Clínicas/morfofuncional	57
13.2. Laboratório de Habilidades Profissionais	61
13.3. Auditórios	65
14. Administração Acadêmica do Curso	66
15. Estratégias para Implantação do Curso	68
16. Referências	69

1. INTRODUÇÃO

A assistência à saúde no Brasil teve, em Brasília, um modelo de evolução desde a implantação do Plano Diretor de Saúde do Distrito Federal, onde o avanço em relação às outras regiões do País se evidenciava por meio da regionalização, hierarquização e descentralização das ações de saúde, seguindo projeto inicial do setor saúde para a capital, o “Plano Geral da Rede Médico-Hospitalar de Brasília”, elaborado em 1959, e implantado a partir de 1960, pelo médico sanitário da Fundação de Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP), Dr. Henrique Bandeira de Mello.

A partir da promulgação da Constituição de 1988, que preconiza em seu art. 196 que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação”, com a implantação do SUS, a expectativa era de se atingir todas as metas de um sistema de saúde inovador que garantisse de fato o acesso universal e gratuito da população aos serviços de saúde. Apesar de todo o crescimento e incentivos adotados, ainda não se alcançou esse intento em sua totalidade.

Nesse contexto de reformulação do modelo de atenção à saúde, surge, na década de 90, o Programa Saúde da Família - PSF, implantado como uma nova estratégia, tendo como finalidade a garantia de êxito dos objetivos traçados desde a implantação do SUS. Em uma nova perspectiva de ação de saúde inovadora, o Programa Saúde da Família coloca como foco de seu trabalho não apenas o indivíduo como um todo, mas este inserido em seu espaço na família e, principalmente, esta como centro da ação recebida.

A história da Enfermagem no Distrito Federal é marcada pela importação de enfermeiros de todo o País para o início do funcionamento do Hospital Distrital de Base, por ocasião da inauguração de Brasília - a nova capital do Brasil.

Esses primeiros gestores preocuparam-se inicialmente com a problemática da falta de pessoal especializado em Enfermagem, que deveria constituir a estrutura básica da nova Instituição, que nascia para destacar-se no atendimento à saúde e servir de exemplo para todo o País.

Muitos anos se passaram até a criação e posterior formação da primeira turma de enfermeiros graduados pela Universidade de Brasília, em 1975, continuando essa Universidade exclusiva, no Distrito Federal, na oferta do Curso de Graduação em Enfermagem, até 1998.

No entanto, diante da lógica da “nova ótica” da atenção integral e humanista ao indivíduo e à família, os profissionais de saúde ainda não se apresentam preparados, dificultando o alcance pleno dessa atenção, pois foram formados a partir do modelo tradicional e descontextualizados com o atual modelo de atenção à saúde, apesar de contar com os esforços de algumas instituições formadoras em implementar nos cursos de graduação em Enfermagem essa lógica.

Em um mundo de constantes mudanças, de economia e conhecimentos globalizados, faz-se necessário que os profissionais de saúde sejam participantes e agentes das transformações sociais, com capacidade para entender e resolver os problemas de maneira original e criativa.

2. CARACTERIZAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal (DF), unidade da Federação localizada no centro geográfico do país, Planalto Central, possui uma área de 5.822,1 km², e está dividido em 26 (vinte e seis) Regiões Administrativas (Quadro I). No extremo superior dos dados populacionais para o ano 2004 situa-se a Ceilândia, com 332.445 (16%) habitantes; e no inferior, o Varjão com 5.945 (0,3%) habitantes.

QUADRO I – Caracterização da População Urbana - Distrito Federal por Região Administrativa – 2004

Região Administrativa - RA	População	Região Administrativa - RA	População
I – Brasília	198.906	XIV – São Sebastião	69.469
II – Gama	112.019	XV – Recanto das Emas	102.271
III – Taguatinga	223.452	XVI – Lago Sul	24.406
IV – Brazlândia	48.958	XVII – Riacho Fundo I	26.093
V – Sobradinho	61.290	XVIII – Lago Norte	23.000
VI – Planaltina	141.097	XIX – Candangolândia	13.660
VII – Paranoá	39.630	XX – Águas Claras	43.623
VIII – Núcleo Bandeirante	22.688	XI – Riacho Fundo II	17.386
IX – Ceilândia	332.455	XII - Sudoeste/Octogonal	46.829
X – Guará	112.989	XIII – Varjão	5.945
XI- Cruzeiro	40.934	XIV- Park Way	19.252
XII – Samambaia	147.907	XV – SCIA (Estrutural)	14.497
XIII – Santa Maria	89.721	XVI – Sobradinho II	71.805
		Itapoã	46.252
		DISTRITO FEDERAL	2.096.534

Fonte: SEPLAN- CODEPLAN- Pesquisa Distrital por amostra de domicílios

Das Regiões Administrativas, Brasília inicialmente foi a primeira planejada. Nela concentram-se a maior parte dos empregos existentes no DF. A formação das outras localidades, também denominadas regiões administrativas ocorreu de forma diversa e gradativa. Algumas surgiram do intenso fluxo migratório estabelecido para Brasília - sobretudo do Nordeste - desde o início de sua construção; outras, para abrigar os funcionários públicos dos governos federal e local.

2.1. O Sistema de Saúde do Distrito Federal

▪ Organização do Sistema de Saúde no Distrito Federal

A assistência à saúde é realizada pelos setores públicos e privado. No setor público, destaca-se a Secretaria de Saúde do Distrito Federal - SES-DF- que responde pela maioria dos atendimentos efetuados nas unidades assistenciais do DF - os demais distribuem-se entre um hospital universitário, quatro hospitais militares e alguns hospitais e clínicas particulares.

A análise histórica dos 40 anos da SES-DF evidencia que a concepção, a organização e o desenvolvimento de sua rede de prestação de serviços e prática assistencial ocorreram com base em dois planos: o Plano Geral da Rede Médico-Hospitalar do Distrito Federal e o Plano de Assistência à Saúde no Distrito Federal.

O Plano Geral da Rede Médico-Hospitalar, elaborado em 1959, por Dr. Henrique Bandeira de Melo, visava estabelecer um estado sanitário de nível elevado. Para tanto, propôs a construção de uma extensa rede de assistência médico-hospitalar composta por hospitais de dimensões variadas e funções complementares, Hospital de Base, hospitais distritais, hospitais rurais e unidades-satélites - com previsão de 2.500 leitos e capacidade de atendimento a 500.000 habitantes. As atividades desenvolvidas nesse complexo seriam coordenadas e integradas por um órgão central, a Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF), subordinado à Secretaria de Saúde, de modo a integrar as atividades preventivas, curativas e de reabilitação.

Em 1978, o DF, com 1.006.182 habitantes, dispunha de uma rede de serviços aquém da inicialmente planejada. Esse afluxo afetava as condições gerais de trabalho e provocava tanto insatisfação profissional como descontentamento dos usuários em relação à qualidade da assistência prestada. Como alternativa ao enfrentamento desta crise, inicia-se então, em 1979, o período referente ao Plano de Assistência à Saúde no Distrito Federal, elaborado pelo Dr. Jofran Frejat.

A reorientação da prestação de serviços de saúde na rede pública do DF, contemplou a população, o Estado e os profissões da saúde mediante a prática de políticas racionalizadoras, com ênfase na medicina preventiva, coordenação institucional, regionalização dos serviços, hierarquização dos meios e desenvolvimento dos recursos humanos.

Para que a assistência à saúde fosse oferecida, optou-se pela reunião das unidades existentes da SES - e aquelas a serem construídas - em quatro Grupamentos, conforme suas características e responsabilidades, distribuídas por áreas populacionais.

O **Grupamento I** englobava as unidades-satélites de saúde, os postos e centros de saúde localizados em áreas de fácil acesso e com capacidade para assistir núcleos populacionais de 25 a 30 mil habitantes nas seguintes situações: doenças imunizáveis, doenças transmissíveis (como tuberculose, hanseníase e venéreas), nutrição e alimentação, saneamento e educação sanitária, assistência primária de adultos, crianças e gestantes, primeiros-socorros e atendimento odontológico.

O **Grupamento II** composto pelos hospitais regionais e dispendo de maternidades, berçário, assistência materno-infantil e pronto-socorro geral permanente, prestariam uma assistência intermediária em clínicas básicas e algumas especialidades não contempladas no Hospital de Base.

O **Grupamento III** era formado pelo Hospital de Base e o Instituto de Saúde (ambos existentes, contudo necessitando de adaptações). Ao primeiro competia, além da prestação de uma assistência de alta complexidade, o desenvolvimento de pesquisas e a formação e o aperfeiçoamento de pessoal; ao segundo, a integração das atividades de saúde pública.

O **Grupamento IV** era constituído pelos seguintes hospitais especializados: crônicos e convalescentes reabilitação e psiquiátrico e doenças mentais – os quais contavam com estruturas de baixo custo orientadas para a prestação de assistência a pacientes que demandavam cuidados de enfermagem sob supervisão médica diária.

Aplicando-se os conceitos-chave dos Distritos Sanitários àquela época, o DF foi dividido em sete regionais de saúde - “territórios-região” - espacialmente similares às Regiões Administrativas. Cada regional disporia de um hospital secundário - com a responsabilidade de assistir, no seu nível de complexidade, à população do “território-região” - e das unidades-

satélites necessárias para atender os residentes em sua área de abrangência (“território-área”). Com relação à política de desenvolvimento de recursos humanos, o Plano de Assistência à Saúde no Distrito Federal estabeleceu metas de curto, médio e longo prazos.

A curto prazo, a SES-DF, por meio de seu órgão de ensino para profissões de saúde, com assessoria do Departamento de Saúde Pública, encarregou-se do treinamento de agentes de saúde para a realização do trabalho comunitário.

A médio prazo, implantaram-se programas de treinamento para servidores dos diferentes níveis de assistência - em especial, os pediatras, clínicos, ginecologistas, enfermeiros, nutricionistas, odontólogos e assistentes sociais. O treinamento desses profissionais efetivou-se com base no Programa Ampliado de Imunização (PAI) e nos Programas de Assistência Integral à Saúde da Criança (PAISC), de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) e de Assistência Integral à Saúde do Adulto (PAISA).

A metodologia adotada nos treinamentos do PAISC, PAISM e PAISA baseou-se em alguns pressupostos, dentre eles o de que “(...) o treinando é sujeito de sua aprendizagem, intervindo no próprio processo de treinamento. Ao invés de “receber”, ele vai trocar, mudar e mudar-se (...), (MS 1989). Desse modo, a exposição oral para transmissão de conhecimentos, como principal atividade do processo de ensino-aprendizagem, foi substituída por metodologias mais participativas como, por exemplo, a de pequenos grupos com até dez participantes e um monitor.

Atualmente, as 26 Regiões Administrativas estão reunidas em 15 regionais de saúde, correspondendo a uma população de 2.096.534 habitantes – 2004.

A expansão da rede física da SES-DF a partir da implantação do Plano de Assistência à Saúde no Distrito Federal é mostrada na (Quadro II). Nela, observa-se o crescimento da rede de serviços, sobretudo em relação às unidades do Grupamento I, postos e centros de saúde.

QUADRO II - Distribuição das Unidades de Saúde da SES-DF, Conforme Classificação do Plano de Assistência a Saúde no Distrito Federal, 1990/2004

Grupamento	Ano		
	1990	1999	2004
Grupamento I			
Postos de Saúde	22	27	31
Centros de Saúde	46	59	61
Grupamento II			
Hospitais Regionais	8	9	11
Grupamento III			
Hospital de Base	1	1	1
Laboratório Central de Saúde Pública – LACEN	1	1	1
Grupamento IV			
Hospitais especializados	1	3	3

Fontes:

SES-DF- Plano de Saúde 2004

SES-DF - Plano de Assistência à Saúde no Distrito Federal

Além dessas unidades, a SES/DF é atualmente composta por dois laboratórios regionais (Ceilândia e Guará) uma central de radiologia (Taguatinga), uma policlínica (PAM – Taguatinga) duas unidades mistas (UMSS – Unidade Mista de São Sebastião e UMC – Unidade Mista de Ceilândia), um Instituto de Saúde Mental, um centro de orientação médico-psicopedagógica (COMPP), uma diretoria de saúde do trabalhador (DISAT), 21 (vinte e um) Núcleos de Inspeção, e duas unidades vinculadas: a Fundação Hemocentro de Brasília (FHB) e a Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS).

Na década de 90, a SES-DF renovou sua política em favor de uma prática assistencial equânime e humanizada, implantando o Programa Saúde da Família (PSF), a partir do qual a base territorial de atuação da Secretaria expandiu-se para os domicílios “território-família”, espaço de vida, de uma forma específica de agregação - a família - moldada pelo processo de desenvolvimento socioeconômico, demandando, por tais características, políticas e programas específicos.

2.2. Cenários de Inserção do Curso de Graduação em Enfermagem-ESCS/FEPECS

A Escola Superior de Ciências da Saúde - ESCS, criada por meio do Decreto nº 22.074, de 11 de abril de 2001, tendo como entidade mantenedora a **Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde – FEPECS** - adquiriu o credenciamento para seu funcionamento, pelo prazo de 5 (cinco) anos, mediante a Portaria nº 314, de 17 de julho de 2001, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ao mesmo tempo em que obteve inicialmente autorização para o funcionamento do Curso de Medicina, com 80 (oitenta) vagas anuais.

A ESCS, em consonância com as necessidades da população do Distrito Federal, da região Centro Oeste e do País, acompanha os movimentos para a melhoria do ensino superior e as redefinições do perfil e do papel dos profissionais de saúde. Com essa atitude, a ESCS estrutura-se como uma Unidade de Ensino de Saúde, entendendo ser a educação sabidamente uma grande alavanca de mudanças na sociedade.

Assim, pretende promover constantes intercâmbios com os demais setores da sociedade que propõe uma educação compromissada com a saúde da população, objetivando oferecer aos futuros profissionais de saúde uma formação científica, humanizada e de qualidade com práticas inovadoras que contribuam para o desenvolvimento da cidadania.

A ESCS com os olhos voltados para o futuro e preocupada com os valores éticos, morais e da interação dos profissionais de saúde com a comunidade, propõe implantar o Curso de Graduação em Enfermagem e desenvolver ações que possibilitam alcançar os ideais de igualdade, solidariedade, justiça e respeito mútuo. Para isso, tem buscado através da utilização de metodologias de ensino inovadoras, formar profissionais que tenham capacidade dinâmica de adaptação aos novos tempos e às novas formas de trabalho.

3. JUSTIFICATIVA

A Enfermagem é uma atividade secular da área da saúde e pode ser descrita, enquanto ação social, como uma relação de ajuda, dinâmica, complexa e multifacetada, cuja essência e especificidade é **o cuidado ao ser humano**, individualmente, na família ou na comunidade, e entra no novo século acompanhando as transformações que vêm ocorrendo ao longo do processo histórico mundial.

A Enfermagem merece destaque pelo contingente e composição de sua força de trabalho que representa 65% dos trabalhadores na área da Saúde, (BRASIL, 2000). Como categoria profissional, a Enfermagem é composta pelo enfermeiro, técnico de Enfermagem e auxiliar de Enfermagem, com formação definida e regulamentada pela Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de dezembro de 2001, pelo Parecer CNE/CEB nº 16/99, pela Resolução CNE/CEB nº 4/99 e pelo Parecer CNE/CEB nº 10/2000, respectivamente. O exercício das atividades profissionais da Enfermagem encontra-se regulamentado pela Lei nº 7.498, de 25/06/86, e pelo Decreto nº 94.406, de 08/06/87.

No Distrito Federal, a força de trabalho da Enfermagem é constituída por 19.835 trabalhadores, dos quais 2.928 (14,76%) são enfermeiros, 7.028 (35,43%) técnicos de Enfermagem, 9.857 (49,69%) auxiliares de Enfermagem e 22 (0,02%) atendentes de Enfermagem, conforme dados do Conselho Federal de Enfermagem, constantes do (Quadro III) - COFEN, 2004.

QUADRO III - Força de Trabalho da Enfermagem no Distrito Federal em 2004

CATEGORIA	NÚMERO	%
Enfermeiros	2.928	14,76
Técnicos de Enfermagem	7.028	35,43
Auxiliares de Enfermagem	9.857	49,69
Atendentes de Enfermagem	22	0,02
TOTAL	19.835	100.00

Fonte: www.portalcofen.gov.br/dados-estatisticos – 24-08-2004

Em relação ao mercado de trabalho, GIRARDI (1999) mostra que apesar de estar estagnado com queda da oferta de empregos para profissionais da saúde, em geral, para o enfermeiro esta oferta apresenta-se em ascensão. No cenário atual, evidencia-se a diversidade do trabalho realizado pelo enfermeiro com maior inserção do profissional nas atividades básicas de saúde, o que talvez se dê em decorrência das atuais políticas de reordenação do modelo assistencial, que prioriza as ações básicas de saúde.

Na área da saúde da mulher, nos últimos anos, verificam-se avanços nas propostas assistenciais, sendo ressaltada e valorizada a atuação da Enfermagem, em especial do enfermeiro obstétrico. o Ministério da Saúde, em maio de 1998, publicou a Portaria nº 2.815, que atribui pagamento pelo parto normal sem distócia, realizado pelo enfermeiro obstétrico, na tabela de pagamento do SUS; em agosto de 1999, publicou a Portaria nº 985, que cria o Centro de Parto Normal no âmbito do SUS e define o enfermeiro obstétrico como o responsável pela equipe de assistência ao parto normal sem distócia (BRASIL, 1998/1999).

A formação do enfermeiro no Distrito Federal teve seu início na década de 70 com a Universidade de Brasília. Atualmente, a Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno/RIDE conta com oito cursos de Graduação em Enfermagem, mantidos por diversas instituições, dos quais apenas uma instituição de ensino é pública e oferta 28 (vinte e oito) vagas por semestre (Quadro IV).

QUADRO IV - Número de Cursos de Graduação de Enfermagem no Distrito Federal e Entorno/2004

Nº	Instituições com Curso em Funcionamento	Tipo	Localização
1	Universidade de Brasília	Pública	Asa Norte
2	Universidade Católica de Brasília	Privada	Taguatinga Sul
3	Uniceub	Privada	Asa Norte
4	Fenplac	Privada	Gama
5	Faculdades JK	Privada	Taguatinga Sul
6	Unieuro	Privada	Asa Sul
7	Unip	Privada	Asa Sul
8	Facesa	Privada	Valparaíso – Goiás

Fonte: COREN-DF, Agosto/ 2004

Embora tenha ocorrido avanço na formação desses profissionais, ainda se valorizam pouco as ações voltadas para a promoção da saúde e prevenção de agravos numa abordagem mais integral da pessoa (BRASIL, 2003).

Em face da necessidade de formação de enfermeiros que possam atender as especificidades do sistema de saúde e exigências do mercado de trabalho na perspectiva do Sistema Único de Saúde – SUS, que contribua para a revisão das políticas de recursos humanos e do modelo assistencial de saúde hoje estabelecido, e voltado, principalmente, para o atendimento dos problemas de saúde do Distrito Federal e da região do Centro-Oeste, torna-se necessária a criação de um “novo curso de graduação em Enfermagem” que possa promover mudanças na formação do perfil do enfermeiro.

Nesse sentido, a SES-DF propõe a implantação do Curso de Graduação em Enfermagem na ESCS/FEPECS, adotando uma proposta metodológica inovadora, voltada para a formação do perfil profissional desejado para o fortalecimento do SUS e possibilitando o acesso de uma grande parcela de jovens que se encontram excluídos do processo de formação acadêmica, devido o alto custo do referido Curso nas instituições privadas.

4. DIRETRIZES CURRICULARES

O currículo proposto para o Curso de Graduação em Enfermagem da ESCS/FEPECS tem como referencial as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, pautado em concepções pedagógicas crítico-reflexivas e filosóficas que valorizam a cidadania e o cuidar em enfermagem, tendo como princípios:

- “a saúde é direito de todos e dever do estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (art. 196, da constituição federal, 1988);
- as ações e serviços de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem o sistema único de saúde (art. 198, constituição federal de 1988);
- o processo pedagógico pautado no aprender a aprender que engloba aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser;
- a formação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade, a qualidade e a humanização das ações de enfermagem prestadas ao indivíduo, à família e à comunidade;
- a integração teoria e prática, ensino e serviço;
- a valorização da pesquisa e da extensão como eixo integrador do processo de formação;
- a valorização das dimensões éticas e humanistas, incentivando no estudante atitudes e valores orientados para a cidadania e para a solidariedade.

A diversidade e a complexidade dos campos de atuação dos profissionais de saúde exigem um novo delineamento para o âmbito específico de cada profissão. A SES-DF entende que todos os profissionais de saúde deverão estar dotados de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) que possibilitem a sua interação e atuação multiprofissional, tendo como beneficiários os indivíduos e a comunidade.

Acompanhando essa tendência educacional contemporânea, que posiciona-se favorável a um processo de aprendizado mais ativo, capaz de estimular a troca de informações entre professores e estudantes, e entre os próprios estudantes, a ESCS adota projeto político-pedagógico com metodologia inovadora no ensino do Curso de Graduação em Enfermagem, com o propósito de formar enfermeiros aptos a responder as necessidades do mercado de trabalho e as exigências do SUS.

A escolha da metodologia da aprendizagem baseada na pedagogia da problematização tem como premissas:

- adoção de currículo integrado fundamentado no construtivismo e na humanização;
- ensino centrado no estudante como sujeito ativo da aprendizagem, construtor do seu próprio conhecimento;
- professor como orientador do processo de ensino-aprendizagem e facilitador da construção do conhecimento;
- integração dos conteúdos básicos e profissionalizantes;
- currículo flexível, dinâmico e contextualizado;
- articulação entre teoria e prática e entre ensino-serviços e comunidade;
- abordagem de temas transversais como: a ética, o processo saúde-doença, a comunicação e o trabalho em equipe;
- diversificação dos cenários da prática;
- educação orientada aos problemas mais relevantes da comunidade;
- prática profissional precoce;
- aprender continuamente a aprender e a aprender fazendo;
- avaliação formativa e somativa do estudante baseada nas competências.

5. OBJETIVOS DO CURSO

5.1. Geral:

- Formar enfermeiros capazes de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes.

5.2. Específicos:

- Formar enfermeiro com competência técnico científico – humanista, respeitando os preceitos éticos, contribuindo para assistência integral à saúde da população.
- Participar da produção e divulgação do conhecimento da Enfermagem e da área de saúde por meio de seu corpo docente e discente.
- Contribuir para a qualidade da atenção à saúde da população por meio da integração do ensino serviço.
- Ser referência na concepção pedagógica e metodológica adotada no processo de formação do enfermeiro.

6. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- Desenvolver em equipe, ações de promoção da saúde e prevenção de agravos, visando à melhoria da qualidade de vida da população;
- Realizar ações de observação, coleta de dados e registro das informações pertinentes aos cuidados de enfermagem, interagindo com a equipe, com o usuário e com seus familiares;
- Realizar cuidados de enfermagem relacionando-os às suas finalidades, seus efeitos e riscos, observando os aspectos sócio-culturais, religiosos e étnicos;
- Reconhecer situações de urgência e emergência e realizar prontamente ações que busquem a preservação da vida;
- Organizar o trabalho e coordenar a equipe de enfermagem, considerando a natureza, as finalidades, os resultados e os riscos das ações;
- Atuar em equipe no desenvolvimento das atividades de planejamento e avaliação das unidades de saúde;
- Realizar cuidados de enfermagem a pacientes graves, inclusive àqueles submetidos a tratamento intermediado pelo uso de equipamentos de alta complexidade;
- Realizar e supervisionar procedimentos de conservação dos equipamentos utilizados no atendimento aos usuários, assegurando suas condições de uso e /ou funcionamento;
- Valorizar e desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe;
- Apropriar-se do conhecimento e desenvolver habilidades para o processo do cuidar;
- Desenvolver capacidade de gerenciamento da assistência de enfermagem e de serviços de saúde;
- Realizar análise crítica e contextualizada da realidade social e dos perfis epidemiológicos para identificar problemas e as maneiras de intervir para transformá-los.

7. PERFIL DO EGRESSO

No conjunto das necessidades para o estabelecimento das ações voltadas para a promoção da saúde da população, contextualizada com as demandas políticas, sociais, econômicas e culturais, está a formação adequada do profissional da saúde. No caso do enfermeiro, constitui o seu perfil:

- compreender o ser humano na sua historicidade e sujeito transformador da realidade;
- planejar, executar e avaliar em equipe o cuidado de Enfermagem ao indivíduo, família e comunidade nas ações de promoção e recuperação da saúde e prevenção de agravos, referenciadas pelo perfil epidemiológico da sua área de abrangência;
- participar da produção e divulgação do conhecimento em Enfermagem e em saúde;
- atuar em processos educativos voltados para a saúde da população e na educação continuada para o pessoal da área de Enfermagem e da saúde;
- atuar em equipe multiprofissional no planejamento e programação das ações de saúde;
- gerenciar o processo de trabalho em Enfermagem nos cenários de atuação profissional respeitando os princípios éticos.

8. METODOLOGIA

O Curso de Graduação em Enfermagem oferecido pela ESCS/FEPECS adota um modelo pedagógico inovador, fundamentado nas teorias construtivistas sobre os processos de aprendizagem, tendo como eixo a aprendizagem baseada em problemas e centrada no estudante, o currículo integrado, flexível, dinâmico e contextualizado, orientado à comunidade. Tem como objetivos a articulação dinâmica entre teoria e prática, a integração ensino/serviços/comunidade desde o primeiro ano de ensino e a formação de enfermeiros com perfil desejado para atendimento às exigências do mercado de trabalho e fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Para o domínio cognitivo, optou-se pela metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que trabalha com a proposta de resolver um problema que reflita uma situação desafiadora da realidade da prática profissional, sem que nenhuma informação prévia seja oferecida. A dinâmica do processo de aprendizagem é analisar e refletir sobre a situação problema, buscando sua compreensão e fundamentação, para formular hipóteses que a solucionem e que possam ser colocadas em prática para que sejam validadas.

Os problemas são explorados em sessões de tutoria, em pequenos grupos com 8 a 10 estudantes, sob a condução do docente/tutor que tem a função de facilitar a aprendizagem, permitindo que a discussão do problema seja produtiva para todos os integrantes do grupo, considerando o contexto e integrando as dimensões biológica, psicológica e social.

Ao contrário da aprendizagem por transmissão passiva de conhecimentos, do docente para o estudante, a ABP requer que o estudante busque as informações necessárias para a resolução do problema analisado, levando-o a superar suas deficiências e desenvolver um método próprio de estudo. É um processo que estimula o raciocínio e as habilidades cognitivas, contribuindo para a aquisição de novos conhecimentos. Como resultado desta pedagogia da interação, o estudante utiliza adequadamente uma diversidade de recursos educativos, desenvolve a capacidade de buscar informações técnicas e científicas relevantes, propõe soluções contextualizadas e aplicáveis, é capaz de avaliar criticamente os progressos alcançados, aprende a aprender e a trabalhar em equipe.

Características principais da Aprendizagem Baseada em Problemas:

- O estudante é responsável por seu aprendizado, o que inclui a organização do seu tempo e a busca de oportunidades para aprender.
- O currículo é integrado e integrador, com uma linha condutora geral, no intuito de facilitar e estimular o aprendizado. Esta linha se traduz nos módulos temáticos do currículo e nos problemas, que deverão ser discutidos e resolvidos nos grupos tutoriais.
- A escola oferece grande variedade de oportunidades de aprendizado através de laboratórios, ambulatórios, experiências e estágios hospitalares e comunitários, bibliotecas tradicionais e acesso a meios eletrônicos.
- O estudante é precocemente inserido em atividades de saúde, fato fundamental para sua vida profissional.
- O conteúdo curricular contempla os problemas mais frequentes e relevantes a serem enfrentados na vida profissional do enfermeiro generalista.
- O estudante é constantemente avaliado em relação ao seu conhecimento cognitivo e ao desenvolvimento de habilidades e atividades necessárias à profissão.
- O currículo é flexível e pode ser modificado.
- O trabalho em grupo e a cooperação interdisciplinar e multiprofissional são estimulados.
- A assistência ao estudante é individualizada, de modo a possibilitar que ele discuta suas dificuldades com profissionais envolvidos com o gerenciamento do currículo e outros, quando necessário.

Na Unidade Educacional Habilidades Profissionais em Enfermagem – HPE, os estudantes aprendem os procedimentos de enfermagem e clínicos através da Problematização. Desenvolvem habilidades profissionais que abrangem a abordagem mais adequada ao indivíduo e sua família, respeitando a ética, o processo saúde - doença, a comunicação efetiva e o trabalho em equipe. O estudante aprende a trabalhar com sua comunidade e a valorizar a rede básica de saúde onde está inserido. Estão definidos como cenários de ensino-aprendizagem do curso, as Regionais de Saúde de Samambaia, Recanto das Emas e Taguatinga. O desenvolvimento das habilidades profissionais é realizado em um programação estruturada longitudinalmente nas quatro séries.

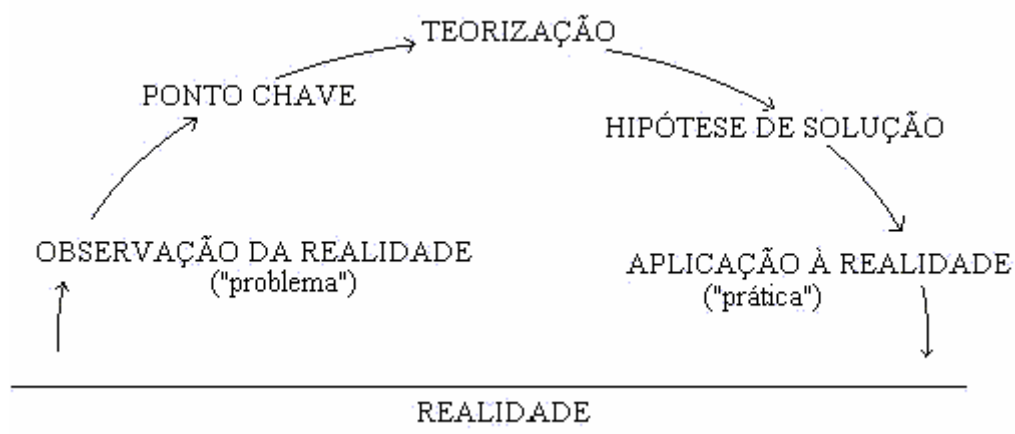
A metodologia de ensino-aprendizagem, baseada na problematização, pressupõe o processo educativo no sentido de uma ação cultural libertadora construtivista, centrando-se na visão do homem no mundo e com o mundo, tendo como eixo principal a amplitude humana da educação.

Segundo BORDENAVE (1990), a educação “problematizadora” baseia-se nas seguintes premissas:

- *“Uma pessoa só conhece bem algo quando o transforma, transformando-se ela também no processo;*
- *A solução de problemas implica na participação ativa e no diálogo constante entre estudantes e professores. A aprendizagem é concebida como resposta natural do estudante ao desafio de uma situação-problema;*
- *A aprendizagem torna-se uma pesquisa em que o estudante passa de uma visão ‘sincrética’ ou global do problema a uma visão ‘analítica’ do mesmo – através de sua teorização - chegar a uma ‘síntese’ provisória, que equivale à compreensão. Desta apreensão ampla e profunda da estrutura do problema e de suas conseqüências nascem ‘hipóteses de soluções’ que obrigam a uma seleção das soluções mais viáveis. A síntese tem continuidade na práxis, isto é, na atividade transformadora da realidade”.*

Um dos fundamentos principais do método é que o estudante, como sujeito no processo de aprendizagem, busque o conhecimento nos inúmeros meios de difusão do conhecimento hoje disponíveis, aprenda a utilizar e a pesquisar esses meios e, desde o início do curso, a vivenciar a prática profissional e aprender a aprender fazendo.

No diagrama criado pelo francês Charles Maguerez, denominado de “Método do Arco”, a metodologia da problematização está esquematicamente representada da seguinte forma:



O diagrama nos diz que o processo ensino-aprendizagem está relacionado com um determinado aspecto da realidade. Nesse primeiro momento, os estudantes **observam a realidade** em si, com os seus próprios olhos. Quando isso não é possível, é permitido que o estudante faça essa observação por meio de recursos audiovisuais. Nessa fase, os estudantes expressam suas percepções pessoais, realizando uma primeira leitura da realidade; no segundo momento os estudantes, identificam os **pontos** mais importantes da realidade observada; no terceiro momento, os estudantes passam a **teorizar** o problema perguntando o porquê das coisas observadas para chegar a uma síntese provisória que equivale à compreensão do problema; a partir do confronto da “Teoria *versus* Prática *versus* Realidade”, no quarto momento, o estudante **propõe soluções** mais viáveis de uma forma mais criativa, reflexiva e inovadora para o problema em estudo de acordo com as limitações da realidade; na aplicação à **realidade**, último momento, o estudante pratica e fixa as soluções que o grupo encontrou como sendo mais viáveis e aplicáveis para os problemas reais.

Nesse contexto, a metodologia da problematização, expressa através do “método do arco”, parte do tratamento específico que o educador dá ao educando na medida em que o respeita como pessoa integral, inserida numa comunidade ou no mundo em constantes mudanças, transformando a realidade a partir da modificação do comportamento via novos conhecimentos.

A organização curricular proposta, visa promover a articulação entre teoria e prática, ensino e serviços. Esta matriz busca integrar as diversas disciplinas numa abordagem interdisciplinar e articular os aspectos das dimensões humanas, psicológicas e sociais envolvidas em uma determinada situação problema de saúde. As bases cognitivas da enfermagem são oferecidas aos estudantes por meio das unidades educacionais que associam conteúdos das áreas do conhecimento das ciências biológicas, ciências humanas e sociais e ciências da enfermagem, focalizando, principalmente, o estudo da realidade social da saúde e da enfermagem, tendo como premissa capacitar o estudante para compreender o seu papel político e social. A organização dos conteúdos está sustentada na transdisciplinaridade e interdisciplinaridade e tem como eixos transversais, a ética, o processo saúde - doença, a comunicação e o trabalho em equipe.

9. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O currículo proposto para o Curso de Graduação em Enfermagem da ESCS tem como premissa básica o deslocamento do eixo da formação centrada na assistência individual hospitalocêntrica para um processo que esteja sintonizado com o SUS, e que leve em consideração as dimensões sociais, econômicas e culturais da população nas esferas individual, familiar e comunitária. Apresenta-se fundamentado na concepção pedagógica crítico-reflexiva, considerando os conhecimentos prévios do estudante adulto, seus esquemas de assimilação, os determinantes histórico-sociais e a influência dos padrões culturais no processo de ensino-aprendizagem, promovendo condições para o aprender a aprender, que engloba aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser.

Essa organização promove a articulação entre teoria e prática, ensino e serviço; a organização dos conteúdos está sustentada na transdisciplinaridade e interdisciplinaridade e tem como eixos transversais, a ética, o processo saúde - doença, a comunicação e o trabalho de equipe.

A matriz curricular está organizada em 19 (dezenove) unidades educacionais, 03 (três) unidades complementares e 04 (quatro) unidades de estágio curricular, distribuídas nas quatro séries do curso. Os conteúdos estão organizados em módulos e os módulos em unidades didáticas com seqüência de atividades teóricas e práticas. Os conteúdos partem dos conceitos gerais para os específicos, com complexidade crescente, do concreto para o abstrato, e do conhecimento empírico para o científico, valorizando as experiências prévias do estudante.

As unidades educacionais associam os conteúdos das áreas do conhecimento das ciências biológicas, ciências humanas e sociais, ciências da Enfermagem e outras, indispensáveis para a construção das competências, habilidades e atitudes esperadas no processo de formação do enfermeiro.

As unidades complementares oferecem ao estudante a oportunidade de optar por uma área de atuação nos cenários de ensino e vivenciar a realidade através da prática profissional supervisionada nos serviços de saúde.

As unidades de estágio curricular se dividem em quatro áreas de assistência nas Unidades Básicas de Saúde e Hospitais. Assistência à Mulher e Recém-nascido, Criança e Adolescente, Adulto e Idoso, e Vigilância em Saúde. O estudante, sob supervisão, atua nos serviços reunindo os conhecimentos, habilidades e atitudes desenvolvidos durante as três séries, sendo avaliado pelos preceptores e instrutores de HPE.

As unidades educacionais da primeira série, focalizam principalmente o estudo da realidade social da saúde e da Enfermagem, tendo como premissa capacitar o estudante para compreender o seu papel político e social, enquanto cidadão e enfermeiro dentro da equipe multiprofissional de saúde.

Os módulos básicos da segunda e terceira séries focalizam o cuidado de Enfermagem nas diferentes etapas do ciclo de vida na promoção e recuperação da saúde e prevenção de agravos.

A interação comunitária prevista na segunda e terceira séries visa proporcionar ao estudante o desenvolvimento da capacidade de observação da realidade de forma global, detectando problemas e propondo soluções criativas de acordo com os recursos disponíveis nos serviços e na comunidade.

Na quarta série, é oportunizado ao estudante, por meio do estágio supervisionado, o exercício da prática da Enfermagem nos serviços de saúde, analisando os problemas reais e propondo soluções para a transformação da realidade.

As atividades práticas encontram-se inseridas nas quatro séries, possibilitando ao estudante vivenciar a realidade dos serviços de saúde – SUS/DF. Essas atividades têm por finalidade contribuir para a construção das competências, habilidades e atitudes profissionais. As práticas são desenvolvidas em laboratórios, na comunidade, nos serviços de saúde da rede básica e hospitalar da SES-DF, que oferece oportunidades ao estudante para desenvolver as competências necessárias ao seu exercício profissional.

Espera-se, com esse currículo, que o estudante seja de fato o construtor de seu conhecimento, a partir da reflexão e indagação da sua prática. Sua participação no processo ensino-

aprendizagem dar-se-á de modo crítico, reflexivo e criativo. O professor/instrutor colocar-se-á como orientador coadjuvante que organiza as atividades buscando facilitar a construção do conhecimento.

A flexibilidade curricular é possível ao estudante, por meio de módulos complementares, de atividades de extensão, de pesquisa e de monitoria, assim como por outras atividades realizadas em outros cursos ou instituições de ensino e serviço, desde que sejam aceitas pelo colegiado de coordenação didática. A flexibilidade perpassa todo o processo de formação do estudante, contemplando suas necessidades individuais, garantindo oportunidades para o aprofundamento de estudos desde a segunda série do Curso.

A ação investigativa será contemplada em quatro momentos do curso, visando instrumentalizar o estudante para a elaboração de monografia de conclusão de curso, que será realizada na quarta série e entregue até três meses após a conclusão dos módulos necessários à obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

9.1. Tópicos de Estudos

Os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Enfermagem contemplarão as seguintes áreas temáticas:

9.1.1. Bases Biológicas: (Ciclo vital)

- Ciências Biológicas: Morfologia (Anatomia e Fisiologia), Fisiologia (Fisiologia, Bioquímica, Farmacologia e Biofísica), Patologia (Processos Patológicos Gerais, Parasitologia, Microbiologia e Imunologia), Biologia (Citologia, Genética e Evolução, Embriologia) e Nutrição.

9.1.2. Bases Sociais:

- Ciências Humanas: Antropologia, Filosofia, Sociologia, Ética, Psicologia e Comunicação.

9.1.3. Fundamentos de Enfermagem

- Nesta área, incluem-se os conteúdos técnicos, metodológicos e os meios e instrumentos inerentes ao trabalho da enfermagem em nível individual e coletivo, incluindo: História da enfermagem, exercício da enfermagem (bioética, ética profissional, e legislação), epidemiologia, bioestatística, informática, saúde ambiental, ecologia, semiologia e semiotécnica de enfermagem, metodologia da pesquisa.

9.1.4. Assistência de Enfermagem (Ciclo Vital)

- Nesta área, incluem-se os conteúdos teóricos e práticos que compõem a assistência de enfermagem em nível individual e coletivo prestado à criança, ao adolescente, a mulher, ao adulto e ao idoso.

9.1.5. Administração de Enfermagem

- Nesta área, incluem-se os conteúdos teóricos e práticos da administração do processo de trabalho da enfermagem e da assistência.

9.1.6. Práticas Pedagógicas em Saúde

- Nesta área, incluem-se os conteúdos de capacitação pedagógica do enfermeiro.

9.2. Semana Padrão

1ª Série	Turno	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
	M	DT	HPE	HPE	DT	Palestra
						HPE
T	Horário Protegido para Estudo				Horário Protegido para Estudo	

2ª Série	Turno	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
	M			Palestra		HPE
				HPE		
T	DT	HPE	Horário Protegido para Estudo	DT	Horário Protegido para Estudo	

3ª Série	Turno	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
	M	HPE	DT			DT
	T		Palestra HPE	Horário Protegido para Estudo	HPE	Horário Protegido para Estudo

4ª Série	Turno	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
	M	Estágio Curricular	Estágio Curricular	Estágio Curricular	Estágio Curricular	Estágio Curricular
	T		Horário Protegido para Estudo		Horário Protegido para Estudo	

Legenda:

- DT = Dinâmica Tutorial
- HPE = Habilidades Profissionais em Enfermagem
- M = Manhã – 8h00-10h00; 10h00-12h00
- T = Tarde – 14h00-16h00; 16h00-18h00
- Carga Horária Semanal = 28 h
- Carga Horária Anual = 1008 h
- Carga Horária do Curso = 4032 h

9.3. Estrutura Acadêmica e Administrativa do Curso

9.3.1. Regime Escolar

O Curso está estruturado em regime anual, com 28 horas/aula semanais de atividades discentes, em consonância com o regimento da FEPECS

9.3.2. Mapa de Oferta

O estudante deverá cursar os módulos na ordem em que são oferecidos nos semestres, segundo o mapa de ofertas.

9.3.3. Número de Vagas

Serão oferecidas 80 vagas anualmente

9.3.4. Dimensões das Turmas por Docente/Estudante

- Aulas teóricas: 08 a 10 estudantes/turma/docente
- Aulas práticas de laboratório: 20 estudantes/turma/docente
- Ensino clínico: 5 a 8 estudantes/turma/docente
- Estágio supervisionado: 10 estudantes/turma/docente

9.3.5. Horário de Funcionamento

Diurno

9.3.6. Período de Integração do Curso

Mínimo de 8 (oito) semestres e máximo de 12 (doze) semestres

9.3.7 Administração Pedagógica do Curso

O Curso deverá ter:

- um coordenador geral do Curso
- um colegiado de coordenação didático-pedagógica, com a seguinte composição:
 - ✓ coordenadores de série
 - ✓ representantes dos docentes/série
 - ✓ representantes dos discentes/série
 - ✓ coordenador geral do Curso
- Servidores técnico-administrativos:
 - ✓ uma secretária
 - ✓ um funcionário técnico administrativo para apoio logístico à coordenação do curso.

9.4. Processo de Ensino-Aprendizagem

- **Dinâmicas Tutoriais – DT** - os conteúdos são aprendidos sob a forma de problemas. Um pequeno grupo de estudantes, orientado por um tutor, deve apresentar soluções para casos específicos. Os estudantes vão em busca de informações nas diversas fontes de pesquisa existentes (livros, internet, consultores etc) para construir seu conhecimento.
- **Palestras** – É uma atividade programada pelo grupo de planejamento do módulo/unidade, obedecendo a semana padrão da série, com duração de aproximadamente duas horas. É proferida por professores do curso ou convidados, sobre temas cuidadosamente escolhidos, com o objetivo de possibilitar ao estudante a integração de conhecimentos.
- **Atividades de Laboratório** - aquelas realizadas nos laboratórios da própria instituição de ensino e que não se caracterizam como prestação de cuidado ao cliente/paciente.
- **Ensino Clínico** - atividades de prestação de cuidado ao indivíduo sob a supervisão direta do docente.
- **Estágio Curricular Supervisionado** – atividades de planejamento, execução e avaliação do cuidado ao indivíduo, à família e à coletividade, sob a supervisão direta do enfermeiro/instrutor dos serviços de saúde e/ou da FEPECS e indireta do docente. Os campos de atuação para o desenvolvimento das atividades práticas compreende os ambientes comunitários, os laboratórios, as equipes do PFS (Programa Família Saudável), os serviços da rede básica e hospitalar da SES-DF (centros e posto de saúde, hospitais regionais, o de base e os especializados), que oferecem oportunidades ao estudante para desenvolver as competências necessárias ao seu exercício profissional.
- **Habilidades Profissionais em Enfermagem (HPE)** – é uma unidade educacional que tem como diretriz desenvolver atividades de aprendizagem vinculadas à realidade da saúde da população, envolvendo ações de promoção de saúde, prevenção, tratamento das doenças e recuperação da saúde, em equipe multidisciplinar, ofertadas na 1ª, 2ª e 3ª série. O propósito é contribuir para a formação dos enfermeiros no sentido de torná-los comprometidos com a comunidade, desenvolvendo ações nas Unidades Básicas de Saúde com base num novo modelo de atenção de saúde e com enfoque na família. Neste contexto, os estudantes serão inseridos em grupos através dos programas de ensino-aprendizagem, nas atividades das Unidades Básicas de Saúde e suas áreas de abrangências. Os campos de atuação são os

ambientes comunitários, as equipes do Programa Família Saudável, os serviços de atenção primária de atenção à saúde (centros e postos de saúde), de atenção secundária (hospitais regionais e serviços especializados) e de atenção terciária (hospital de base).

- **Iniciação Científica** (Trabalho de Conclusão do Curso - TCC) – é uma atividade de integração do conhecimento construído ao longo do processo de graduação, a ser desenvolvida pelo estudante sob a supervisão do professor. O estudante deverá apresentar o TCC em forma de monografia sobre uma área de interesse no mercado de trabalho ou temas vivenciados em experiências práticas, para a obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

9.5. Características da Capacitação

- **Comunicação Social** - demonstrações em vídeo, observação de atendimentos, gravação em vídeo de entrevistas individuais para posterior análise e discussão na reunião devolutiva com o instrutor e demais membros do grupo.
- **Educacionais** - Acesso à informação sob supervisão de instrutores através de:
 - ✓ Meios eletrônicos de transmissão da informação – Internet;
 - ✓ Acesso e utilização dos recursos das Bibliotecas.
- **Procedimentos de Enfermagem** - demonstração por instrutor e/ou por vídeo, prática de procedimento individual e interpares em laboratório e nos cenários, utilização de manequins e simuladores.

9.6. Recursos para Aprendizagem

- Indivíduo, família e comunidade;
- Literatura: livros atualizados, artigos de revisão sistemática, ensaios clínicos, coortes etc;
- Internet: banco de dados, base de dados etc;
- Recursos de informática: editor de texto, planilhas eletrônicas, programas estatísticos etc;
- Modelos: “manequins” em laboratórios de habilidades profissionais e morfofuncional;
- Locais de desenvolvimento da prática já descritos;
- Professores;

- Equipes de saúde.

9.7. Momentos da Aprendizagem nos Cenários de Ensino

- Planejamento e estratégias de implantação do cuidado, com avaliação das ações;
- Integração com os serviços e com a comunidade;
- Coleta e processamento de dados;
- Práticas
 - ✓ atender o paciente (anamnese, exame físico, evolução.....);
 - ✓ apresentar o paciente e os seus problemas ao preceptor;
 - ✓ observar o preceptor na relação com o paciente (fazendo anamnese etc.);
 - ✓ discutir a situação/problema do paciente com o preceptor, preservando a individualidade e a privacidade;
 - ✓ finalizar a consulta (comunicar o diagnóstico, orientar a realização de exames complementares, participar da prescrição);
 - ✓ descrever a consulta e registrá-la no prontuário com todos os aspectos relevantes;
 - ✓ realizar referência e contra-referência;
 - ✓ identificar questões para aprendizagem;
 - ✓ acompanhar o doente no retorno sempre que possível;
 - ✓ pesquisar fontes para estudo e analisar criticamente as informações obtidas;
 - ✓ elaborar diagnóstico de saúde da população onde estiver estagiando e planejar atividades de intervenção;
 - ✓ identificar os fatores emocionais, e sociais associados à gênese e a evolução da patologia e suas repercussões no contexto da vida e na evolução da doença;
 - ✓ conhecer a organização e considerar-se parte integrante do sistema de saúde, identificando recursos disponíveis para o adequado atendimento às necessidades de paciente; utilizar todas as oportunidades de contato de paciente/família para desenvolver ações de promoção da saúde e prevenção de agravos.

9.8 - MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA ESCS

1º ANO			
Código	Nº de Semanas	Unidade Educacional	Carga Horária
M101E	5	Introdução ao estudo da Enfermagem	70
M102E	6	Atuação da Enfermagem na saúde da comunidade	84
M103E	4	Educação e promoção à Saúde	56
M104E	6	Funções Biológicas e a prática do cuidar I	84
M105E	8	Funções Biológicas e a prática do cuidar II	112
M106E	6	As bases do cuidado em Enfermagem	84
PCE1	1	Práticas Complementares em Enfermagem I	28
HPE1	-	Habilidades Profissionais em Enfermagem I	490
SUBTOTAL			1008
2º ANO			
Código	Nº de Semanas	Unidade Educacional	Carga Horária
M201E	3	Vigilância em Saúde	42
M202E	7	A Saúde da Mulher e do Recém-nascido I	98
M203E	7	A Saúde da Mulher e do Recém-nascido II	98
M204E	3	A Gerência na produção do cuidado em Enfermagem I	42
M205E	6	A Saúde da Criança e do Adolescente I	84
M206E	6	A Saúde da Criança e do Adolescente II	84
PCE2	4	Práticas Complementares em Enfermagem II	56
HPE2	-	Habilidades Profissionais em Enfermagem II	504
SUBTOTAL			1008
3º ANO			
Código	Nº de Semanas	Unidade Educacional	Carga Horária
M301E	6	Saúde da Família I	84
M302E	6	Saúde da Família II	84
M303E	6	Saúde do Adulto I	84
M304E	6	Saúde do Adulto II	84
M305E	5	O Cuidado de Enfermagem em Situações de Urgência e Emergência	70
M306E	3	A Gerência na produção do cuidado em Enfermagem II	42
PCE3	4	Práticas Complementares em Enfermagem III	56
HPE3	-	Habilidades Profissionais em Enfermagem III	504
SUBTOTAL			1008
4º ANO			
Código	Nº de Semanas	Unidade Educacional	Carga Horária
EC401	10	Estágio Curricular em Saúde da Mulher na Unidade Básica de Saúde e na Unidade Hospitalar	280
EC402	10	Estágio Curricular em Saúde da Criança e do Adolescente na Unidade Básica de Saúde e na Unidade Hospitalar	280
EC403	10	Estágio Curricular Obrigatório em Saúde do Adulto e do Idoso na Unidade Básica de Saúde e na Unidade Hospitalar	280
EC404	4	Estágio Curricular em Vigilância em Saúde	112
TCC	2	Trabalho de Conclusão do Curso	56
SUBTOTAL			1008
TOTAL DO CURSO			4032

10. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos. Da mesma forma, os resultados obtidos pelos estudantes ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota da prova final.

Segundo estudiosos essa nova forma de avaliar põe em questão não apenas um projeto educacional, mas uma mudança social. Dizem ainda mais, a mudança não é apenas técnica, mas também política. Tudo porque a avaliação formativa serve a um projeto de sociedade pautado pela cooperação e pela inclusão, em lugar da competição e da exclusão. Uma sociedade em que todos tenham o direito de aprender.

A utilização de metodologias ativas de aprendizagem pressupõe que a avaliação do estudante tenha características formativas e somativas, modalidade esta de avaliação adotada pela Escola Superior em Ciências da Saúde -ESCS.

A avaliação do processo de ensino-aprendizagem do Curso de Graduação em Enfermagem/ESCS utilizará as modalidades formativa e somativa. A avaliação escolar é vista como uma forma de auxiliar o educando no seu processo de aprendizagem e de crescimento pessoal.

O sistema é considerado **formativo** quando permite a correção, a reformulação e a melhoria constantes dos processos ensino-aprendizagem e dos desempenhos. A avaliação formativa é realizada durante o desenvolvimento de cada unidade didática, acompanhando os progressos, dificuldades do educando em relação às competências que está adquirindo (domínio na área cognitiva e habilidades e atitudes profissionais em determinados contextos). Ela direciona o acompanhamento, a orientação e reorientação do processo de ensino-aprendizagem, propiciando o planejamento e a execução da recuperação paralela do estudante quando necessária.

A avaliação formativa valoriza o processo e possibilita detectar dificuldades que interferem na aprendizagem do estudante, permitindo um feedback contínuo e encaminhamentos necessários para que os objetivos educacionais sejam atingidos. Nessa modalidade de avaliação utiliza-se a auto-avaliação, e a avaliação que é realizada pelos demais membros do grupo ou equipes de trabalho sobre o desempenho de cada um.

A avaliação **somativa** é a verificação dos resultados obtidos, busca-se avaliar os aspectos cognitivos, as habilidades e as atitudes (desempenhos e competências) relacionadas aos objetivos específicos das unidades educacionais/estágios. É realizada ao final de cada unidade didática (durante todo o processo), verificando o alcance pelos estudantes das competências e habilidades propostas pelo Curso. Os aspectos somativos em relação aos estudantes estão relacionados à verificação dos fatores críticos para a prática profissional e certificam a progressão destes no programa e sua formulação ao final do período de graduação.

A avaliação do desempenho escolar do estudante será realizada segundo o Regimento da Escola Superior de Ciências da Saúde, Título V da Avaliação e da Verificação do Rendimento Acadêmico, da Promoção e da Reprovação nos seus artigos 127 a 139, *in verbis*:

“Art. 127. A avaliação do rendimento escolar nas unidades educacionais será realizada por observância da assiduidade e da verificação do desempenho do estudante nas competências estabelecidas.

Art. 128. A verificação do rendimento escolar será feita ao término de cada Unidade Educacional por meio de formatos e instrumentos que comprovem o alcance, por parte do estudante, dos objetivos educacionais e de aprendizagem estabelecidos para cada Unidade.

Parágrafo único. Para efeito do disposto no caput, entende-se por Unidade Educacional os Módulos Temáticos, Interação Ensino-Serviços-Comunidade (IESC), Habilidades e Atitudes (HA), Eletivas e Estágio.

Art. 129. O desempenho escolar será avaliado de maneira formativa e somativa, ao longo de todo o curso, por meio dos seguintes métodos de avaliação:

I - auto-avaliação;

II - avaliação interpares;

III - avaliação pelo tutor/instrutor;

IV - teste de progressão;

V - exercício baseado em problemas;

VI - gerenciamento de casos clínicos;

VII - exercício de avaliação cognitiva;

VIII - exercício de investigação científica;

IX - avaliação objetiva e estruturada do desempenho clínico;

X - avaliação estruturada do desempenho em atividade prática;

XI - avaliação oral estruturada e,

XII - avaliação do desempenho nas sessões de Tutoria, na Unidade IESC, na Unidade Habilidades e Atitudes, nos Estágios e nas Unidades Educacionais Eletivas.

Parágrafo único. Os critérios de avaliação serão definidos nos respectivos Projetos Pedagógicos dos cursos e Manuais próprios de Avaliação.

Art. 130. *A aplicação dos formatos e instrumentos de avaliação, bem como os planos de reavaliação deverão constar de Manual próprio de Avaliação elaborado pela Gerência de Avaliação, em consonância com o modelo pedagógico adotado para cada curso e submetido ao CEPE/ESCS para aprovação.*

Art. 131. *No plano de reavaliação, para cada formato ou instrumento, a verificação do desempenho escolar será feita por uma segunda avaliação e, quando necessária, por uma terceira avaliação, exceto para os formatos e instrumentos aplicados nas unidades eletivas e nos estágios ou exercícios de investigação científica, nos quais os estudantes terão direito apenas a segunda avaliação.*

Art. 132. *A avaliação do rendimento escolar se procederá mediante atribuição dos conceitos: Satisfatório (S) e Insatisfatório (I).*

Art. 133. *A verificação e o registro da frequência do estudante, em cada atividade educacional, será de responsabilidade do professor e o seu controle será feito pela Secretaria de Curso;*

Parágrafo único. As faltas justificadas por atestado médico serão objeto de regulamentação pelo CEPE/ESCS mediante Resolução própria.

Art. 134. *A promoção para a série subsequente ocorrerá, quando o estudante obtiver conceito Satisfatório e frequência mínima obrigatória de 75% (setenta e cinco por cento) em cada Unidade Educacional, ao final da série em curso.*

Art. 135. *Somente as avaliações somativas serão utilizadas para a verificação da promoção e certificação do estudante e serão realizadas por meio de documentos denominados formatos e instrumentos.*

Parágrafo único. A avaliação formativa proporcionará a regulação contínua do desempenho do estudante e do processo educacional.

Art. 136. *O estudante que não obtiver a frequência mínima obrigatória de 75% (setenta e cinco por cento) nas atividades programadas de cada unidade educacional, independentemente dos demais resultados obtidos, será reprovado na respectiva série.*

Art. 137. *O estudante que mantiver conceito Insatisfatório após plano de reavaliação de um formato ou instrumento nas Unidades Educacionais, será considerado Insatisfatório naquela unidade e, por isso, será avaliado por uma Comissão de Reavaliação Especial que decidirá pela manutenção do conceito ou pela instituição de um Plano de Reavaliação Especial a que o estudante será submetido.*

§ 1º *A Comissão de Reavaliação Especial será constituída pelo Coordenador da respectiva Unidade Educacional, Coordenador de Série, um membro da Comissão de Avaliação e pelo Coordenador do Curso que a preside.*

§ 2º *O Plano de Reavaliação Especial deverá ser aplicado ao estudante antes do início da próxima série.*

Art. 138. *O estudante que mantiver o conceito Insatisfatório após a avaliação pela Comissão e/ou Plano de Reavaliação Especial, será reprovado na respectiva série, independente dos demais resultados obtidos.*

§ 1º *O estudante poderá realizar apenas um Plano de Reavaliação Especial por série.*

§ 2º *Os critérios que decidirão a inclusão do estudante no Plano de Reavaliação Especial serão elaborados pela Comissão de Reavaliação Especial e incluídos no Manual de Avaliação do respectivo curso após aprovação do CEPE.*

Art. 139. *Na primeira avaliação de desempenho nas sessões de tutoria, o estudante que obtiver três conceitos Insatisfatórios, resultante da aplicação do formato correspondente, será encaminhado ao Plano de Recuperação Especial, independentemente dos demais resultados obtidos.*

Parágrafo único. Cada conceito Insatisfatório resultante da aplicação do formato correspondente a primeira avaliação de desempenho nas sessões de tutoria, deverá ser registrado na ficha individual do estudante”.

11. ARTICULAÇÃO ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E COMUNIDADE

A organização curricular contempla a integração ensino, pesquisa e extensão, razão pela qual se propõe a inserção do estudante e conseqüentemente do docente em toda a rede de serviços de saúde da SES-DF, a partir do desenvolvimento de atividades práticas dos módulos básicos desde a 1ª série do curso, garantindo um processo ensino aprendizagem de forma dinâmica e articulada com os serviços de saúde e permitindo que a formação ocorra a partir da realidade da saúde local.

Para garantir essa integração é de suma importância o envolvimento do estudante, dos docentes e dos enfermeiros dos serviços de saúde da SES-DF, nos quais se dará o desenvolvimento do ensino clínico e do estágio curricular supervisionado, possibilitando assim, um ensino crítico e reflexivo que leve à construção do perfil almejado, à realização de projetos de pesquisa e extensão, socializando o conhecimento produzido com a comunidade.

As atividades de extensão, abertas à comunidade, também visam a difusão das conquistas e dos benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

12. BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA O CURSO PROPOSTO

12.1. Informações do Acervo Bibliográfico para o Curso Proposto

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico I				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	ALEXANDRE, Franz. Medicina psicossomática . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	08	00	08
2.	ALFARO-LEFEVRE, Rosalinda. Pensamento crítico em Enfermagem: um enfoque prático . Porto Alegre: Artmed, 1996.	08	00	08
3.	ALMEIDA, M. C. .P.; ROCHA, S. M. M. (Org.). O trabalho de Enfermagem . São Paulo: Cortez, 1997.	08	00	08
4.	ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa . 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.	08	00	08
5.	ANDREOLA, A. B. Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro . Petrópolis: Vozes, 1999.	08	00	08
6.	ANTISERI, D. E.; REALE, G. História da filosofia . São Paulo: Paulinas, 1990.	08	00	08
7.	ARANHA, M. L.; MARTINS, M. L. P. Filosofando: introdução à filosofia . 2. ed. São Paulo: Moderna, 1995.	08	00	08
8.	BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Força de trabalho em Enfermagem . Rio de Janeiro: COFEN/ABEN, 1995. MARIN, H. F. Informática em Enfermagem . São Paulo: EPU, 1995. 100p.	08	00	08
9.	BAPTISTA S. S.; Barreira, I. A. A luta da enfermagem por um espaço na universidade . Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.	08	00	08
10.	CALAZANAS, M. Julieta. (Org.). Iniciação científica: construindo o pensamento crítico . São Paulo: Cortez, 1999. 184p.	08	00	08
11.	GEOVANINI, T. et al. História da Enfermagem: versões e interpretações . 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.	08	00	08
12.	Hühne, Leda Miranda (org.). Metodologia Científica: cadernos de textos e técnicas . Rio de Janeiro: Agir, 1992.	08	00	08
13.	KUHN, Thomas S. A Estrutura das revoluções científicas . São Paulo: Perspectiva, 1978.	08	00	08
14.	LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade. Metodologia do trabalho científico . São Paulo: Atlas, 1983.	08	00	08
15.	LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica . São Paulo: 1991.	08	00	08
16.	NASCIMENTO, E. S.; SANTOS; G. F.; CALDEIRA, V. P. Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado . Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG, 1999.	08	00	08
17.	PEDRON, Ademar João. Metodologia Científica: auxiliar do estudo, da leitura e da pesquisa . 3. ed. Brasília: edição do autor, 2001.	08	00	08
18.	PITTA, A. M. F. Hospital: dor e morte como ofício . 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.	08	00	08
19.	SACRISTÁN, J. G. O currículo . 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.	08	00	08
20.	SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . São Paulo: Cortez, 1988.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico II				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BERLINGUER, G. Questões de vida: ética, ciência, saúde. São Paulo: APCE/Hucitec/CEBES, 1993.	08	00	08
2.	BERLINGUER, Giovanni. Ética da saúde. São Paulo: Hucitec, 1996.	08	00	08
3.	BITTAR, O. J. N. Hospital: qualidade e produtividade. São Paulo: Sarvier, 1996. 137p.	08	00	08
4.	BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no séc. XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.	08	00	08
5.	DANDA, P. O que é família. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, [199-?].	08	00	08
6.	DEMO, P. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 125p.	08	00	08
7.	FLEURY, S. Estado sem cidadãos. Seguridade Social na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 11-42.	08	00	08
8.	GALLO, E. & Nascimento, P. C. Hegemonia, bloco histórico e movimento sanitário. In: Fleury, S. (org.) Reforma Sanitária: em busca de uma teoria. Cortez Editora Abrasco, São Paulo: 1989, p. 91-118.	08	00	08
9.	GERSCHCHMANN, S. Sobre a formulação de políticas sociais, In: Fleury, S. (org.). Reforma Sanitária: em busca de uma teoria, Cortez Editora/Abrasco, São Paulo: 1989, 119-138.	08	00	08
10.	LUCHESE, G. Burocracia e política de saúde: arena ou ator? IN: Fleury, S. (org.). Estado y políticas sociales en America Latina. UAM/FIOCRUZ/ENSP, México: 1992.	08	00	08
11.	MENDES, E. V. As políticas de saúde no Brasil: a conformação da Reforma Sanitária e a construção da hegemonia do projeto neoliberal, In: Distrito Sanitário: o processo social de mudanças das práticas sanitárias do SUS, HUCTEC – Abrasco, Rio de Janeiro - São Paulo: 1993, p. 19-91.	08	00	08
12.	NOGUEIRA, R. P. Perspectivas da qualidade em saúde. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1994.	08	00	08
13.	ORTEGA Y GASSET, J. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1984.	08	00	08
14.	PAIM, J. S. Descentralização das ações e serviços de saúde do Brasil e a renovação da proposta “Saúde para todos”. Conferência Regional sobre tendências Futuras e a renovação da Meta Saúde para todos. In: Série Estudos em Saúde Coletiva. Nº 175, Rio de Janeiro: 1998.	08	00	08
15.	QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L.; OLIVEIRA, M. G. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 1996.	08	00	08
16.	TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1999.	08	00	08
17.	TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.	08	00	08
18.	VAZ, H. C. L. Antropologia filosófica. São Paulo: Loyola, 1991.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico III				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	ANASTASSI, A. Campos da Psicologia Aplicada . São Paulo: Nacional, 1987.	08	00	08
2.	ATKINSON, R.L. Et al. Introdução à Psicologia . Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.	08	00	08
3.	BOCK, Ana Maria Bahia, FURTADO, Odair. & TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia . 10. ed. São Paulo: Ed Saraiva. 1997	08	00	08
4.	BRAGHIROLL, E. M. et al. Psicologia geral . 14. ed. Porto Alegre: Vozes, 1990.	08	00	08
5.	BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Força de trabalho em Enfermagem . Rio de Janeiro: COFEN/ABEN, 1995.	08	00	08
6.	CARRARO, T. E. Enfermagem e assistência : resgatando Florence Nightingale. 2. ed. Goiânia: AB, 1997. 118p	08	00	08
7.	CAMPOS, G. W. S. Planejamento sem normas . 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.	08	00	08
8.	FERRAZ, A. F. Análise da comunicação enfermeiro/paciente em hospital geral . São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991. (Dissertação de Mestrado em Enfermagem).	08	00	08
9.	LEOPARDI, M. T. Teorias em Enfermagem : instrumentos para a prática. Florianópolis: Papa Livros, 1999.	08	00	08
10.	LIMA, M. J. O que é Enfermagem . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 102p.	08	00	08
11.	LIRA, N. F. B.; M. E. S. História da Enfermagem e legislação . Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1989.	08	00	08
12.	LUNARDI, V. L. História da Enfermagem, rupturas e continuidades . Pelotas: UFPel/ Editora Universitária, 1998.	08	00	08
13.	MENDES, E. V. (Org.). Distrito sanitário : o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. São Paulo: Hucitec, 1982.	08	00	08
14.	MENDES, E. V. A atenção primária à saúde no SUS . Fortaleza: Escola de Saúde Pública do Ceará, 2002.	08	00	08
15.	MENDES, E. V. A organização da saúde no nível local . São Paulo: HUCITEC, 1998.	08	00	08
16.	MENDES, E. V. Os grandes dilemas do SUS . Salvador: Casa da Qualidade, 2001. 2v.	08	00	08
17.	MENDES, E. V. Os sistemas de serviços de saúde : o que os gestores deveriam saber sobre essas organizações complexas. Fortaleza: Escola de Saúde Pública do Ceará, 2002.	08	00	08
18.	MENDES, E. V. Uma agenda para a saúde . São Paulo: Hucitec, 1996.	08	00	08
19.	MERHY, E. E. A saúde pública como política : um estudo de formuladores de política. São Paulo: Hucitec, 1992, 211p	08	00	08
20.	MALETA, C. H. M; BRANDAO, L. L. Bioestatística aplicada à saúde pública . Belo Horizonte: Cooperativa Médica, 1992.	08	00	08
21.	MORGAN, G. Imagens de organização . São Paulo: Atlas, 1996.	08	00	08
22.	NIGHTINGALE, F. Notas sobre Enfermagem : o que é e o que não é. Tradução Amália Correa de Carvalho. São Paulo: Cortez. 1989. 174p.	08	00	08
23.	OGUISSO, T.; SCHMIDT, M. J. O exercício da Enfermagem : uma abordagem ético-legal. São Paulo: LTr, 1999. 232p.	08	00	08
24.	OLIVEIRA, D. P. R. Planejamento estratégico : conceitos, metodologias, práticas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 1995.	08	00	08
25.	RIZZOTTO, M. L. F. História da Enfermagem e as relações com a saúde pública . Goiânia: AB, 1999.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico IV				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	MENDES, R. Patologia do trabalho . São Paulo: Atheneu. 2001. 643p.	08	00	08
2.	MENEZES, E. M.; SILVA, M. J. A enfermagem no tratamento de queimados . São Paulo: E.P.U. 1988.	08	00	08
3.	SIQUEIRA, A. L. Introdução à bioestatística . Belo Horizonte: Departamento de Estatística/ UFMG, 1997.	08	00	08
4.	SOARES, J. F. Introdução à estatística médica . Belo Horizonte: Departamento de Estatística/ UFMG, 1996.	08	00	08
5.	SOUSA, M. F. Agentes comunitários de saúde: choque de povo . São Paulo: HUCITEC, 2001.	08	00	08
6.	SOUSA, M. F. Os sinais vermelhos no PSF . São Paulo: HUCITEC, 2002.	08	00	08
7.	VAUGHAN, J. P; MORROW, R. H. Epidemiologia para os municípios: manual para o gerenciamento dos distritos sanitários . São Paulo: Hucitec, 1992. 179p.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico V				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	CHIAVENATTO, I. Recursos humanos . São Paulo: Atlas Edição Compacta, 1996.	08	00	08
2.	FOSNOT, C. T. Construtivismo: teoria, perspectiva e prática pedagógica . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. (Tradução Sandra Costa).	08	00	08
3.	LITTLEJOHN, S. W. Fundamentos teóricos da comunicação humana . Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.	08	00	08
4.	WALDOW, V. R.; LOPES, M. L. M.; MEYER, D. E. M. Maneiras de cuidar: maneiras de ensinar . Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.	08	00	08
5.	SILVA, M. J. P. Comunicação tem remédio . São Paulo: Gente, 1996.	08	00	08
6.	ZABALA, A. A prática educativa . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998 (Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa).	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico VI				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	ALVES, M. S. D.; CRUZ, V. L. B. Embriologia: roteiro teórico-prático . 5. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1996.	08	00	08
2.	ANDERSON, W.A.D & KISSANE, J.M. Patologia . Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 182.	08	00	08
3.	ANDRADE, L. Patologia- processos gerais . Rio de Janeiro: Atheneu, 1992.	08	00	08
4.	AIRES, Margarida de Mello. Fisiologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.	08	00	08
5.	BAYNES, Jonh; Dominiczak, Marek H. “Bioquímica Médica”, edição 2000 , editora: Manole	08	00	08
6.	BRASILEIRO FILHO, G. Patologia Geral . Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1996.	08	00	08
7.	BEVILACQUA, F. R. G. et al. Fisiopatologia clínica . Rio de Janeiro: Atheneu, 1998.	08	00	08
8.	BENNETT, J. C.; PLUM, F. Cecil: Tratado de medicina interna . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
9.	BRODY, T. M. Farmacologia humana: da molécula à clínica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
10.	BIER, OTTO G. E OUTROS, imunologia básica e aplicada . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977. 383p.	08	00	08
11.	BATES, B.; HOEKELMAM, R. A. Propedêutica médica . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.	08	00	08

12.	BLOOM, W.; FAWCETT, D. W. Tratado de Histologia . 10. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1977.	08	00	08
13.	BURKITT, H. G.; YOUNG, B.; HEATH, J. W. Histologia Funcional . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1994.	08	00	08
14.	BORGES OSÓRIO, M.R. E ROBINSON, W.M. Genética Humana . Porto Alegre: Editora da Universidade de Porto Alegre, 1993.	08	00	08
15.	BURNS, G. W. E BOTTINO, P.J. Genética . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991, 381p.	08	00	08
16.	COSTANZO, Linda S. Fisiologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.	08	00	08
17.	CARVALHO, H.C. Fundamentos da Genética e evolução . 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1987. 556p.	08	00	08
18.	CONSENZA, R.M. Fundamentos de neuroanatomia . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.	08	00	08
19.	CHANDROSOMA, P.; TAYLOR, C. R. Patologia básica . [S. l.]: Ed. PHB, 1993. 911p.	08	00	08
20.	CAMPOS, D. M. S. Psicologia da aprendizagem . 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 304p.	08	00	08
21.	CAMPOS, F. C. B. Psicologia e saúde: repensando práticas . São Paulo: Hucitec, 1992.	08	00	08
22.	CARLSON, B.M. Embriologia Humana e Biologia do Desenvolvimento . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.	08	00	08
23.	C. R. Craig & R. E., Stitzel. Farmacologia Moderna . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.	08	00	08
24.	DÂNGELO, JOSÉ GERALDO; FATTINI, CARLO AMÉRICO. Anatomia básica dos sistemas orgânicos: com a descrição dos ossos, juntas, músculos, vasos e nervos . São Paulo: Atheneu, 1998. 493.	08	00	08
25.	DÂNGELO J. G.; FATTINI, C. A. Anatomia humana sistêmica e segmentar . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1995.	08	00	08
26.	FILHO, G. B., et al. Patologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994. 1243p.	08	00	08
27.	DOUGLAS, Carlos Roberto. Tratado de fisiologia: Aplicada às ciências da saúde . 4. ed. São Paulo: Robe, 2000.	08	00	08
28.	DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais . Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.	08	00	08
29.	DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. Psicologia na educação . São Paulo: Cortez. 1992.	08	00	08
30.	DI DIO, Liberato J.A. Tratado de Anatomia Aplicada . São Paulo: Póluss Editorial, 1999 (Dois Volumes).	08	00	08
31.	EDWARDS, K.J.R. A Evolução na Biologia Moderna . São Paulo: EPU-EDUSP, 1980.	08	00	08
32.	FLAVELL, J. H., H.; MILLER, S. A.; MILLER, S. A. Desenvolvimento cognitivo . 3. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1999.	08	00	08
33.	FORTES, Elinor. Parasitologia Veterinária . 3. ed. Porto Alegre: Ícone, 1997.	08	00	08
34.	FRAGA, M. N. O. A prática de Enfermagem psiquiátrica: subordinação e resistência . São Paulo: Cortez, 1993.	08	00	08
35.	FUCHS, Flávio Danni, WANNMACHER, Lenita. Farmacologia clínica: Fundamentos da terapêutica nacional . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.	08	00	08
36.	GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Tratado de Histologia . 1. ed. Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro: 1999.	08	00	08
37.	GARTNER, L. Atlas de histologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.	08	00	08
38.	GOLDMAN, L.; BENNETT, J. C. Tratado de medicina interna . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2001. 2 v.	08	00	08
39.	GANONG, William F. Fisiologia Médica . 17. ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1998.	08	00	08
40.	GUYTON, A.; HALL, J. E. Tratado de fisiologia médica . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
41.	GUYTON, A. Fisiologia humana . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.	08	00	08
42.	GOODMAN E GILMAN. As Bases Farmacológicas da Terapêutica . 9. ed. Dicionário de Especialidades Farmacêuticas.	08	00	08
43.	H. P. Rang, M. M. Dale e J. M. Ritter. Farmacologia . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
44.	JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Biologia celular e molecular . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.	08	00	08

45.	JANEWAY, Charles; BONORINO, Cristina (Trad.). Imunobiologia: o sistema imune na saúde e na doença. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 767p.	08	00	08
46.	JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.	08	00	08
47.	HENEMAN, R. H. O que é psicologia. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.	08	00	08
48.	KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. I. Compêndio de psiquiatria. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.	08	00	08
49.	KUHNEL, W. Atlas de citologia, histologia e anatomia macroscópica para teoria e prática. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.	08	00	08
50.	KONEMAM, E. W. et al. Diagnóstico microbiológico. 2. ed. São Paulo: Médica Panamericana, 1989.	08	00	08
51.	KATZUNG, B. G. Farmacologia básica e clínica. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.	08	00	08
52.	LAPORTE, R. J.; TOGNODITE, G.; ROSEFELD S. Epidemiologia do medicamento: princípios gerais. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1999.	08	00	08
53.	LACAZ, C. S., PORTO, E., MARTINS, J. E. C. Micologia Médica. Editora Sarvier. 8. ed., 1991.	08	00	08
54.	LYON, D. Pós-modernidade. São Paulo: Paulus, 1998.	08	00	08
55.	LEHNINGER, A. L. Princípios de bioquímica. São Paulo: Sarvier, 1995.	08	00	08
56.	MAZA, L. M. L. A. Atlas de diagnóstico em microbiologia. Porto Alegre: Artmed, 1999.	08	00	08
57.	MACHADO, A. Neuroanatomia funcional. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1993.	08	00	08
58.	MC GRAW-HILL, Goodman & Gilman: As bases farmacológicas da terapêutica. 9. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1996.	08	00	08
59.	MENDES, R. Patologia do trabalho. São Paulo: Atheneu. 2001. 643p.	08	00	08
60.	MELZER, S. C.; BARE, B. G. Tratado de Enfermagem médico-cirúrgica. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.	08	00	08
61.	MELLO, RA. Embriologia Humana. 1. ed. Atheneu, São Paulo: 2000.	08	00	08
62.	MORAES, R. G., GOULART, E. G., COSTA LEITE, I. Parasitologia e Micologia humana. Editora Cultura Médica, 3. ed., 1984.	08	00	08
63.	MOORE, K.L. Fundamentos de Embriologia Humana. Mandole ed. Ltda., 1990.	08	00	08
64.	MOORE, K.L. & PERSAUD. Embriologia Básica. 5. ed. Guanabara e Koogan, Rio de Janeiro: 2000.	08	00	08
65.	MARZZOCO, A & Torres, B. B. “Bioquímica Básica”, 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2000.	08	00	08
66.	MOORE, Keith L. Anatomia Orientada para a Clínica. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.	08	00	08
67.	NEDER, R. N. Microbiologia: manual de laboratório. São Paulo: Nobel, 1992.	08	00	08
68.	NEVES, D. P. et al. Parasitologia humana. 10. ed. São Paulo: Atheneu, 2000.	08	00	08
69.	NETTER, Frank. Atlas de Anatomia Humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.	08	00	08
70.	NETINA, S. M. Prática de Enfermagem. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 1694p.	08	00	08
71.	PEAKMAN, MARK; VERGANI, DIEGO. Imunologia básica e clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 327p.	08	00	08
72.	PESSOA, S. B.; MARTINS, A. V. Parasitologia médica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.	08	00	08
73.	PELCZAR, M.J., Chan, E.C.S., Krieg, N.R. 1997. Microbiologia – Conceitos e Aplicações Volume 1. 2a Edição, Makron Books do Brasil Editora Ltda, Rio de Janeiro: Santiago, Auckland, Toronto. 524pp.	08	00	08
74.	POTTER, P. A.; PERRY, A. G. Grande tratado de Enfermagem: prática clínica e prática hospitalar. São Paulo: Tempo, 1996.	08	00	08
75.	PORTO, C. C. Exame clínico. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.	08	00	08
76.	POSSO, M. B. S. Semiologia e semiotécnica em Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2002.	08	00	08

77.	RIELLA, M. C. Suporte nutricional parenteral e enteral . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.	08	00	08
78.	ROSS, H. M.; ROMREL, L. J. Histologia : texto e atlas. 2. ed. Médica Panamericana, 1993.	08	00	08
79.	ROCHA, R. M. Enfermagem psiquiátrica : que papel é este? Rio de Janeiro: Tecorá, 1994. 129p.	08	00	08
80.	RIBEIRO, Mariângela Cagnoni; SOARES, Maria Magali S. R. Microbiologia prática : roteiro e manual bactérias e fungos. São Paulo: Atheneu, 1998.	08	00	08
81.	RIBEIRO, M. G. et al. Orientação de estudo teórico e prático em citologia e histologia geral , [S.l.; s.n.], 1997.	08	00	08
82.	RUBIN, E & FARBER, J. L. Patologia . Rio de Janeiro: Interlivros, 1990. São Paulo: Santos, 1994.	08	00	08
83.	SALTER, R. Distúrbios e lesões do sistema músculo-esquelético . 2. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1985.	08	00	08
84.	SALVADOR, C. C. et al. Desenvolvimento psicológico e educação : psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. v. 2.	08	00	08
85.	SALVADOR, C. C. et al. Psicologia da educação . Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.	08	00	08
86.	SOBOTTA, FN. Atlas de Anatomia Humana . Editora Guanabara. Rio de Janeiro: 1998.	08	00	08
87.	STRYER, Lubert; "Bioquímica" . 4. ed. Guanabara Koogan S.A. 1996.	08	00	08
88.	STITES, Daniel P.; TERR, ABBA I. Imunologia básica . Rio de Janeiro: Prentice - Hall do Brasil, 1992. 187p.	08	00	08
89.	SPALTEHOLZ, W. Atlas de anatomia humana . São Paulo: Rocca, 1998. 2 v.	08	00	08
90.	SWARTZ, M. H. Semiologia : anamnese e exame físico. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.	08	00	08
91.	TEIXEIRA, M. B. et al. Manual de Enfermagem psiquiátrica . São Paulo: Atheneu, 2001.	08	00	08
92.	TABORNA, J. G. V.; PRADO-LIMA, P.; BUSNELLO, E. D. Rotinas de psiquiatria . Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.	08	00	08
93.	TAYLOR, C. M. Fundamentos de Enfermagem psiquiátrica de Mereness . Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 465p.	08	00	08
94.	TORTORA, G.L., Funke, B.R., Case, C.L. 2000. Microbiologia . 6. ed. Artmed Editora, Porto Alegre: Brasil.	08	00	08
95.	VERONESI, R.; FOCACCIA, R.; DIETZE, R. Doenças infecciosas e parasitárias . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.	08	00	08
96.	VERONESI, R.; FOCACCIA, R. Tratado de infectologia . 2. ed. São Paulo: Atheneu. 2002. 1785p.	08	00	08
97.	WAJCHENBERG, B. L. Tratado de endocrinologia clínica . São Paulo: Rosa, 1991.	08	00	08
98.	WILLIAMS, S. R. Fundamentos de nutrição e dietoterapia . 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	08	00	08
99.	YOKOCHI, C. Atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional . 4. ed. Manole, 1998.	08	00	08
100.	ZANINI, A.C.; OGA, S. Farmacologia aplicada : uso racional de medicamentos. São Paulo: Atheneu, 1994.	08	00	08
101.	ZORZETTO, N. L. Curso de anatomia humana . 7. ed. São Paulo: Jalovi Livraria e Editora, 1999.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico VII				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BARROS, A. L. B. F. et al. Anamnese e exame físico : avaliação e diagnóstico de Enfermagem no adulto. São Paulo: Art Méd, 2002.	08	00	08
2.	CIANCIARULLO, T. I. (Org.). Instrumentos básicos para o cuidar : um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 2000.	08	00	08
3.	DOENGES, M. E.; MOORHOUSE, M. F. Diagnóstico e intervenção em Enfermagem . 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.	08	00	08

4.	ELLIS, J. R.; HARTLEY, C. L. Enfermagem contemporânea: desafios, questões e tendências . 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 447p.	08	00	08
5.	ESPINOSA, A. F. Guias práticos de Enfermagem: psiquiatria . São Paulo: McGraw-Hill, 2000.	08	00	08
6.	GARCIA, T. R. A construção do conhecimento em Enfermagem: coletânea de trabalhos . Fortaleza: René, 1998.	08	00	08
7.	GRACIETTE, B. S. Enfermagem profissional: análise crítica . São Paulo: Cortez, 1989.	08	00	08
8.	GELAIN, I. Deontologia e Enfermagem . 3. ed. São Paulo: EPM, 1998.	08	00	08
9.	GEORGE, J. B. Teorias de Enfermagem: os fundamentos à prática profissional . 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.	08	00	08
10.	KAWAMOTO, E. E.; FORTES, J. I. Fundamentos de Enfermagem . 2. ed. São Paulo: EPU, 1997. 250p.	08	00	08
11.	POTTER, P. A.; PERRY, A. G. Fundamentos de Enfermagem . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 2 v.	08	00	08
12.	SILVA, Y. F.; FRANCO, M. C. Saúde doença: uma abordagem cultural da Enfermagem . Florianópolis: Papa-Livro, 1996.	08	00	08
13.	TAPTICH, L.; LOSEY, B. Processo diagnóstico em Enfermagem . Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 1				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	EGRY, E. Y. Saúde coletiva: construindo um novo método em Enfermagem . São Paulo: Ícone, 1996.	08	00	08
2.	PEREIRA, M. G. Epidemiologia Teoria e Prática . Guanabara e Koogan, São Paulo: 1995.	08	00	08
3.	ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia e saúde . Rio de Janeiro: Medsi, 1999.	08	00	08
4.	TEIXEIRA, C. F. O futuro da prevenção . Salvador: Casa da Qualidade, 2001.	08	00	08
5.	TEIXEIRA, C. F. Promoção e vigilância da saúde . Salvador: Instituto de Saúde Coletiva, 2002.	08	00	08
6.	TESTA, M. Pensar em saúde . Porto Alegre: Artes médicas, 1992.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 2				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	DILLY, C. M. L.; JESUS, M. C. P. Processo educativo em Enfermagem . São Paulo: Robe, 1995.	08	00	08
2.	MUNARI, D. D.; Rodrigues, A. R. F. Enfermagem e grupos . Goiânia: AB Editora, 1997.	08	00	08
3.	MINICUCCI, A. Dinâmica de grupo: teorias e sistemas . 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.	08	00	08
4.	ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M. Como conduzir-se diante dos agravos à saúde dos trabalhadores. In: ROUQUAYROL, M. Z. Epidemiologia e saúde . Rio de Janeiro: MEDSI, 1993. cap. 14, p.383- 400.	08	00	08
5.	SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino . 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998 (Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa).	08	00	08
6.	STEFANELLI, M. C. Comunicação na Enfermagem: teoria e ensino . São Paulo: Robe Editorial, 1993.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 3				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	SA, A. C. O cuidado emocional em Enfermagem . São Paulo: Santa Isabel, 2001.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico VIII				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	ASCERAD, G. (Org.). Avessos do prazer: drogas, AIDS e direitos humanos . Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.	08	00	08
2.	ALVES, N. Filho; CORREA, M.D. Manual de perinatologia . Rio de Janeiro: Medsi, 1995.	08	00	08
3.	AVERY, G. et al. Neonatologia: fisiopatologia e tratamento do recém-nascido . 4. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.	08	00	08
4.	BURROUGHS, A. Uma introdução à Enfermagem materna . 6. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1995. (Tradução. Ana Thorell).	08	00	08
5.	BALASKAS, Janet. Parto ativo . São Paulo: Ground, 1993.	08	00	08
6.	BASEGIO, Luis Diógenes. Manual de obstetrícia . Rio de Janeiro: Revinter, 2000.	08	00	08
7.	BASTOS, Álvaro. Ginecologia infanto-juvenil . São Paulo: Roca, 1988.	08	00	08
8.	BRIQUET. Obstetrícia normal . São Paulo: Sarvier, 1994.	08	00	08
9.	CORREA, M. O. Noções práticas de obstetrícia . 11. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 1994.	08	00	08
10.	CARVALHO, G. .M. Enfermagem em obstetrícia . São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1990.	08	00	08
11.	CORREA, M. C. D. V. A tecnologia a serviço de um sonho: um estudo sobre a reprodução assistida . Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. IMS: UERJ. Rio de Janeiro: 1997.	08	00	08
12.	CARVALHO, Geraldo. Enfermagem em ginecologia . São Paulo: EPU, 1996.	08	00	08
13.	CLOHERTY, John P. Manual de neonatologia . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Medicis, 2005.	08	00	08
14.	DELASCIO, Domingos. Obstetrícia normal . São Paulo: Sarvier, 1994.	08	00	08
15.	DUARTE, Albertina. Gravidez na adolescência . Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.	08	00	08
16.	DINIZ, E. M. A.; COSTA VAZ, F. A. Infecções congênitas e perinatais . São Paulo: Atheneu, 1991. 238p.	08	00	08
17.	DUTRA, O. J. E.; SANTOS, A. C.; WILSON, E. D. Nutrição básica . São Paulo: Sarvier, 1989.	08	00	08
18.	ELSEN, I. et al. Marcos para a prática de enfermagem com famílias . Florianópolis: DAUFSC, 1994.	08	00	08
19.	ELSEN, I. et al. O viver em família e sua interface com a saúde e a doença . Maringá: Eduem, 2002.	08	00	08
20.	ENNING, Cornélia. O parto na água . São Paulo: Manole, 2000.	08	00	08
21.	FARHAT, C. K; KOPELMAN, B. I. Infecções perinatais . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1992.	08	00	08
22.	FIGUEIREDO, Nêbia Maria. Ensinando a Cuidar da Mulher, do Homem e do Recém-Nascido . São Paulo: Difusão Paulista de Enfermagem, 2003.	08	00	08
23.	FREDDI, Wanda Escobar. Enfermagem obstétrica e neonatal . São Paulo: Atheneu, 1983.	08	00	08
24.	FREITAS, Fernando. Rotinas em ginecologia . Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	08	00	08
25.	FREITAS, Fernando. Rotinas em obstetrícia . Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	08	00	08

26.	FONTES, J. A. S. Perinatologia, ciência e arte . São Paulo: Editorial BYK, 1991. 145p.	08	00	08
27.	GARCIA, Aparecida. A placenta humana . São Paulo: Livraria Atheneu, 1986.	08	00	08
28.	GÜNTER, Hermann e Outros. Ginástica em ginecologia e obstetrícia . São Paulo: Manole, 1998.	08	00	08
29.	GREEN, M. Pediatria ambulatorial . Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.	08	00	08
30.	HALBE, H. W. Tratado de Ginecologia . 2. ed. Vol. 2. São Paulo: Roca, 1993.	08	00	08
31.	JÁCOMO, A. J. D e Outros. Assistência ao recém-nascido: normas e rotinas . 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Atheneu, 1999.	08	00	08
32.	KATCH, F. I. Nutrição, exercício e saúde . 4. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1996.	08	00	08
33.	KENNER, Carole. Enfermagem Neonatal . 2. ed. RA Editores, São Paulo: 2001.	08	00	08
34.	KLAUS, M. H., KENNEL, J. H., Pais e bebê: a formação do apego . Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	08	00	08
35.	KLAUS, M. H., FANAROFF, A. A., Alto risco em neonatologia . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 1998.	08	00	08
36.	KNUPPEL, R. et al. Alto risco em obstetrícia: um enfoque multidisciplinar . Porto Alegre: Artes. Médicas, 1996.	08	00	08
37.	LANG, Sandra. Aleitamento do lactente . São Paulo: Santos, 1999.	08	00	08
38.	LÓPEZ, Félix. Para entender a sexualidade . São Paulo: Loyola, 1992.	08	00	08
39.	MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S. Krause: Alimentos nutrição e dietoterapia . 9. ed. São Paulo: Roca, 1998.	08	00	08
40.	MALDONADO, Maria Tereza. Psicologia da gravidez . São Paulo: Saraiva, 1997.	08	00	08
41.	MARANHÃO, A. M. S. de A et al. Atividades da enfermeira obstetra no ciclo gravídico-puerperal . São Paulo: EPU, 1990.	08	00	08
42.	MARTINS FILHO, José. Como e porque amamentar . São Paulo: Sarvier, 1989.	08	00	08
43.	McDOWELL, Josh. Os mitos da educação sexual . São Paulo: Candeia, 1995.	08	00	08
44.	MIURA, Ernani. Neonatologia: Princípios e Prática . Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.	08	00	08
45.	MONTEIRO, Denise. Gravidez na adolescência . Rio de Janeiro: Revinter, 1998.	08	00	08
46.	MONTENEGRO. Rezende. Obstetrícia fundamental . Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.	08	00	08
47.	MORAIS, Edson Nunes de et al. Medicina materna e perinatal . Rio de Janeiro: Revinter, 2000.	08	00	08
48.	MORON, A. F; Abrahão, A. R; Haschimoto, E. M. Manual de medicina fetal: aspectos básicos . São Paulo: Dagráfica. 1994.	08	00	08
49.	MURARO, R. M. Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil . 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.	08	00	08
50.	MARANHÃO, A. M. S. A. et al. Atividades da enfermeira obstetra no ciclo grávido-puerperal . São Paulo: EPU, 1990.	08	00	08
51.	NAVANTINO, Dias Corrêa. Manual de perinatologia . 2. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1992.	08	00	08
52.	NEME, B. Patologia da gestação . São Paulo: Sarvier, 1988.	08	00	08
53.	NEME, Bussâmara. Obstetrícia Básica . São Paulo: Savier, 2000.	08	00	08
54.	NETINA. Prática de enfermagem . Rio de Janeiro: Guanabara, 1999.	08	00	08
55.	NORONHA, Décio e Outros. Tocoginecologia psicossomática . São Paulo: Almed, 1993.	08	00	08
56.	NOBREGA, F. J. Desnutrição intra-uterina e pós-natal . 2. ed. São Paulo: Panamed, 1986.	08	00	08
57.	OLIVERA, M. E. et al. Enfermagem obstétrica e neurológica: textos fundamentais . Florianópolis: UFSC, CCS, 1999. (Cadernos didáticos, v.2).	08	00	08
58.	OXORN, H. Trabalho de parto . São Paulo: Roca, 1989.	08	00	08
59.	PASSOS, M. R. L. Doenças sexualmente transmissíveis . Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1994.	08	00	08

60.	PIATO, T; TEDESCO, J. A. J. Diagnóstico e terapêutica das patologias obstétricas . São Paulo: Atheneu, 1989.	08	00	08
61.	PEIXOTO, S. Pré-natal . São Paulo: Manole, 1979.	08	00	08
62.	QUEENAM, J. Gravidez de alto risco . 2. ed. São Paulo: Manole, 1987 (Tradução Nelson Gomes de Oliveira).	08	00	08
63.	REZENDE, J. Obstetrícia . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.	08	00	08
64.	STRIGHT, Barbara R. et al. Enfermagem materna e neonatal (Série de estudos em enfermagem). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.	08	00	08
65.	TYRRELL, Maria; Carvalho, Vilma de. Programas nacionais de saúde materno infantil, impacto político-social e inserção da enfermagem . Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.	08	00	08
66.	TADINI, Valdir, Obstetrícia e ginecologia, Manual do residente . São Paulo: ROCA, 2002.	08	00	08
67.	TAMEZ, R.N.; SILVA, M.J.P.; Enfermagem na UTI neonatal: assistência ao recém nascido de alto risco . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.	08	00	08
68.	TEDESCO, J. Júlio. A grávida : São Paulo: Atheneu, 1999.	08	00	08
69.	VALDÉZ, V.; SÁNCHEZ, A .P.; LABBOK, M. Manejo clínico da lactação . Rio de Janeiro: Revinter, 1996.	08	00	08
70.	VAZ, F. A. C; Manissadjian, A; Zugaib. B. M. Assistência à gestante de alto risco e ao recém-nascido nas primeiras horas . São Paulo: Atheneu, 1993.	08	00	08
71.	VINHA, Vera. O livro da amamentação . São Paulo: Balieiro, 1999.	08	00	08
72.	VAZ, F. A. C; Manissadjian, A; Zugaib. B. M. Assistência à gestante de alto risco e ao recém-nascido nas primeiras horas . São Paulo: Atheneu, 1993.	08	00	08
73.	VELLAY, Pierre. Parto sem dor . São Paulo: Ibrasa, 1995.	08	00	08
74.	VINHA, Vera H. Pileggi. Projeto de aleitamento materno: autocuidado com a mama puerperal . São Paulo: Sarvier, 1994.	08	00	08
75.	WHALEY & WONG. Enfermagem pediátrica: Elementos essenciais à intervenção efetiva . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.	08	00	08
76.	WORTIHINGTON, R.; WERWEERSCH, W. Nutrição na gravidez e na lactação . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.	08	00	08
77.	ZIELGEL, E. E.; CRANLEY, M. L. Enfermagem obstétrica . 8. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1985.	08	00	08
78.	Revista da Escola de Enfermagem da USP -São Paulo	01	00	01
79.	Revista Mineira de Enfermagem -Escola de Enfermagem da UFMG	01	00	01
80.	Revista Brasileira de Enfermagem – Associação Brasileira de Enfermagem	01	00	01
81.	Texto e Contexto – Departamento de Enfermagem de Ciências da Saúde da UFSC	01	00	01
82.	Revista Latino Americana de Enfermagem – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP	01	00	01

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 4				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	CHAUÍ, M. Convite à filosofia . 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.	08	00	08
2.	DEJOURIANA A. Análise da redação de prazer, sofrimento e trabalho . São Paulo: Atlas. 1994. (Tradução Maria I. S. Betiol et al).	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 5				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	MINS, C. A. et al. Microbiologia médica . São Paulo: Manole, 1995.	08	00	08
2.	TRABULSI, L. R. et al. Microbiologia . 3. ed. São Paulo: Atheneu, 1999.	08	00	08
3.	TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia . 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 6				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	APECIH, Limpeza, desinfecção de artigos e áreas hospitalares e anti-sepsia. São Paulo: 1999.	08	00	08
2.	APECIH, Prevenção de Infecção do Trato Urinário Hospitalar. São Paulo: 2000.	08	00	08
3.	BLOCK, S. S. Desinfection, sterilization and preservation . 4. ed. Philadelphia: Lea & Febiger, 1991.	08	00	08
4.	BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Processamento de Artigos e Superfícies. Brasília: 1994.	08	00	08
5.	BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Manual de Controle de Pragas Urbanas em Área Hospitalar. Brasília: 1994.	08	00	08
6.	BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. A Saúde em suas mãos: Normas para limpeza das mãos em estabelecimentos de saúde. Brasília: 1998.	08	00	08
7.	BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Manual de Precauções para Isolamento Hospitalar. Brasília: 2002.	08	00	08
8.	CDC/EUA–Guideline for Prevention of Surgical Site Infection–Infect Control Hosp Epidemiol. 1999.	08	00	08
9.	COUTO, R.C. et al. Infecção hospitalar: epidemiologia e controle . 2. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.	08	00	08
10.	COUTO, R. C. Infecções hospitalares: abordagem prevenção e controle . Rio de Janeiro: Medsi, 1998.	08	00	08
11.	FERRAZ, E. M. (Org.). Manual de controle de infecção em cirurgia . São Paulo: E.P.U. 1982.	08	00	08
12.	FERNANDES, A. T.; FERNANDES, M. O. V.; FILHO, N. R. Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde . São Paulo: Atheneu, 2000.	08	00	08
13.	OLIVEIRA, Adriana C. - Infecção Hospitalar Abordagem, Prevenção e Controle . Rio de Janeiro: Medsi, 1998.	08	00	08
14.	PIMENTEL & ASSOCIADOS CONSULTORIA. Processamento de artigos e superfícies Precauções e Isolamento/Coordenadora: Edivete Regina Andrioli – São Paulo: Associação Paulista de Estudos e Controle de Infecção Hospitalar. APECIH, 1999.	08	00	08
15.	Prevenção das Infecções Hospitalares do Trato Respiratório – Coordenadora: Maria Beatriz G. de Souza Dias – Associação Paulista de estudos e Controle de Infecção Hospitalar. PECH, 1997.	08	00	08
16.	RODRIGUES, Edwal A. C. Infecções Hospitalares Prevenção e Controle . São Paulo: Sarvier, 1997.	08	00	08
17.	SMELZER, S. C.; BARE, B.G. Tratado de Enfermagem médico-cirúrgica . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.	08	00	08
18.	SOUZA, M. Assistência de Enfermagem em infectologia . São Paulo: Atheneu. 2000. 351p.	08	00	08
19.	STARLING, C. E. F. et al. Vigilância epidemiológica das infecções hospitalares na prática diária: ensaios . Belo Horizonte: Cuatira, 1993.	08	00	08
20.	STIER, C.J.N. Manual Prático em Controle de Infecção Hospitalar . NETSUL: 1996.	08	00	08
21.	STIER, C.J.N. Rotinas em controle de Infecção Hospitalar . NETSU: 1995.	08	00	08
22.	ZANON, V.; NEVES, J. Infecções hospitalares: prevenção, diagnóstico e tratamento . Rio de Janeiro: Medsi, 1987.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico IX				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BECKER, Roberto Augusto. Análise de Mortalidade . Delineamentos Básicos. Brasília. Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1991.	08	00	08
2.	BERQUÓ, Roberto Salvatori et al. Bioestatística . São Paulo: EPU, 1981.	08	00	08
3.	COSTA, Sergio F. Introdução Ilustrada à Estatística . 2. ed. São Paulo: Harbra, 1992, 303p	08	00	08
4.	CHIPKEVITCH, E. Puberdade e adolescência : aspectos biológicos, clínicos e psicossociais. São Paulo: Roca, 1995.	08	00	08
5.	COATES, V. Medicina do adolescente . São Paulo: Savier, 1993.	08	00	08
6.	MAAKAROUN, M. F. et al Tratado de adolescência . Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991.	08	00	08
7.	WEHBA, J. et. Al. Nutrição da criança . Rio de Janeiro: Fundo Editorial BYK, 1991.	08	00	08
8.	WONG, D. L. Enfermagem pediátrica : elementos essenciais à intervenção efetiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1999.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico X				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	CHIZZOTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais . São Paulo: Cortez, 1998.	08	00	08
2.	GIL, A.C. Projetos de pesquisa . São Paulo: Atlas, 1996.	08	00	08
3.	GUARACHI, A., SANDRA, P. J. (Org.). Textos em representações sociais . 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.	08	00	08
4.	HOWARD S. B. Métodos de pesquisa em ciências sociais . 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.	08	00	08
5.	MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia : fundamentos e recursos. São Paulo: Moraes, 1989.	08	00	08
6.	POLIT, D. F.; HUNGLER B. P. Fundamentos de pesquisa em Enfermagem . 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.	08	00	08
7.	CHIZZOTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais . São Paulo: Cortez, 1998.	08	00	08
8.	GIL, A.C. Projetos de pesquisa . São Paulo: Atlas, 1996.	08	00	08
9.	GUARACHI, A., SANDRA, P. J. (Org.). Textos em representações sociais . 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.	08	00	08
10.	HOWARD S. B. Métodos de pesquisa em ciências sociais . 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.	08	00	08
11.	MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia : fundamentos e recursos. São Paulo: Moraes, 1989.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 7				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	CECÍLIO, L. C. O. (Org.). Inventando a mudança na saúde . São Paulo: Hucitec, 1994.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 8				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	GAARDER, Jostein. O mundo de Sofia : romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.	08	00	08
2.	GARNIER, C. et al. Após Vygotsky e Piaget : perspectiva social e construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Tradução Eunice Gruman).	08	00	08
3.	GERGES, M. C. Tornando-se líder : um estímulo ao potencial adormecido. Florianópolis: NR Editora, 1999.	08	00	08
4.	GERMANO, R. M. Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil . 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985. 118p.	08	00	08
5.	MIRANDA, C. L. Parentesco imaginário . Rio de Janeiro: Cortez, 1994.	08	00	08
6.	MONTEIRO, C. A. (Org.). Velhos e novos males da saúde no Brasil : a evolução do país e de suas doenças. São Paulo: Hucitec/Nupens, 2000.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 9				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. Aprendizagem significativa : a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.	08	00	08
2.	ROCHA, L. et al. Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil. São Paulo: Vozes, 1993.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XI				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	ALEXANDER, Cuidados de Enfermagem ao Paciente Cirúrgico : Rio de Janeiro: 10. ed. Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
2.	BOGLIOLO, L. Patologia geral . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. 220p.	08	00	08
3.	BRUNNER/SUDDARTH. Moderna Prática de Enfermagem . Interamericana, Rio de Janeiro: 2000.	08	00	08
4.	CALKINS, E. et al. Geriatría prática . 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.	08	00	08
5.	DUARTE, Y. A. O.; DIOGO, M. J. D. Atendimento domiciliar : um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu, 2000.	08	00	08
6.	GALLO, Joseph J. et. al. Reichel/assistência ao idoso : aspectos clínicos do envelhecimento. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. Koogan, 2001. 643p.	08	00	08
7.	KAUFFMANT, T. Manual de reabilitação geriátrica . Rio de Janeiro: Guanabara, 2001.	08	00	08
8.	KALOUSTIAN, S. M. Família brasileira : a base de tudo. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.	08	00	08
9.	MACIEL, A. Avaliação multidisciplinar do paciente geriátrico . Rio de Janeiro: Revinter, 2002.	08	00	08
10.	PAPALEO NETTO, M. Gerontologia . São Paulo: Atheneu, 1997.	08	00	08
11.	ZIMERMAN, G. I. Velhice : aspectos biopsicossociais. São Paulo: Artes Médicas Sul, 2000.	08	00	08

Acervo Bibliográfico Complementar 10				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	AYOUB, A. C. et al. Planejando o cuidar na enfermagem oncológica . São Paulo: Lemar, 2000.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 11				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BRANT DE CARBALHO, M. C. A família contemporânea em debate . 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.	08	00	08
2.	DOENGENS & MOORHOUSE. Manual de Diagnóstico em Enfermagem . 5. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1995.	08	00	08
3.	PENNA, Cláudia Maria de Mattos, (Org.). Marcos para a prática de Enfermagem com famílias . Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.	08	00	08
4.	OSORIO, L. C. Família hoje . Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.	08	00	08
5.	POTER/PERRY. Fundamentos de Enfermagem: conceitos, processos e prática . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.	08	00	08
6.	PORTO, C. Exame Clínico: Bases para a prática Médica . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 12				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BECKER, E. Tradução de Otávio Alves Velho. A negação da morte . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.	08	00	08
2.	CINTRA, E. A. ; NISHIDE, V. M. ; NUNES, W. A. Assistência de Enfermagem ao paciente crítico . São Paulo: Atheneu, 2000.	08	00	08
3.	KÜBLER - ROSS, E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes . 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.	08	00	08
4.	STEDDEFORD, A. Encarando a morte . Artes Médicas: Porto Alegre, 1996.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XII				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BLACK, J. M.; JACOBS, E. M. Enfermagem médico-cirúrgica: uma abordagem psicofisiológica . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.	08	00	08
2.	CARPENITO, L. J. Manual de diagnóstico de Enfermagem . 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (Tradução de Ana Maria Thorell).	08	00	08
3.	CARPENITO, L. J. Planos de cuidados de Enfermagem e documentação: diagnósticos de Enfermagem e problemas colaborativos . 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.	08	00	08
4.	COSTA, A. O. et al. Esterilização e desinfecção: fundamentos básicos, processos e controles . São Paulo: Cortez, 1993.	08	00	08
5.	MEEKER, M. H.; ROTHCH, J. C. Cuidados de Enfermagem ao paciente cirúrgico . 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
6.	SILVA, M. A. A. et al. Enfermagem na unidade de centro cirúrgico . São Paulo: EPU, 1997.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XIII				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BERGERON, J. D.; BIZJAK, G. Primeiros socorros . São Paulo: Atheneu, 1999.	08	00	08
2.	Fischbaeh, Francês. Manual de enfermagem-exames laboratoriais e diagnósticos 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.	08	00	08
3.	Guragna, João Carlos Vieira da Costa. Pós - operatório em cirurgia cardíaca . Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.	08	00	08
4.	HUDAK, C. .M.; GALLO, B. M. Cuidados intensivos de Enfermagem: uma abordagem Holística . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.	08	00	08
5.	JACKSON, R. E. Reanimação cardiopulmonar básica . In: TINTINALLI, J. E.; RUIZ, E.; KROME, R. L. Emergências médicas . 4. ed. Rio de Janeiro: McGraw Hill. 1996.	08	00	08
6.	KROME, R. L. Emergências médicas . 4. ed. Rio de Janeiro: McGraw Hill. 1996.	08	00	08
7.	LACERDA, R. A. et al. Buscando compreender a infecção hospitalar no paciente cirúrgico . São Paulo: Atheneu, 1992.	08	00	08
8.	RENALVER, L. Procedimentos em emergências . Rio de Janeiro: Revinter, 1997.	08	00	08
9.	Springhouse Corporation. Interpretação do ECG . Série práxis. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.	08	00	08
10.	TINTINALLI, J. E.; RUIZ, E.; KROME, R. L. Emergências médicas . 4. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 1996.	08	00	08
11.	Zuñiga, Quênia Gonçalves Pinheiro. Ventilação mecânica básica para enfermagem . São Paulo: Atheneu, 2003.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico IX				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	POLIT, D. F.; HUNGLER B. P. Fundamentos de pesquisa em Enfermagem . 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.	08	00	08
2.	GIL, A.C. Projetos de pesquisa . São Paulo: Atlas, 1996.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 13				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	CARVALHO FORTES, P. Ética e saúde – São Paulo: EPU.	08	00	08
2.	CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, Código de ética dos profissionais de enfermagem. Resolução COFEN – 160. 1993.	08	00	08
3.	DURANT, G. A bioética: natureza, princípios, objetivos . São Paulo: Paulus, 1995.	08	00	08
4.	GERMANO, Raimunda M. A Ética e o Ensino da Enfermagem no Brasil . São Paulo: 1993.	08	00	08
5.	PESSINI, L. Problemas atuais em bioética . São Paulo: Loyola. 1996.	08	00	08
6.	VASQUEZ, A.S. Ética 11. ed. Civ. Brasileira. Rio de Janeiro: 1989.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 14				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	SCHVARTSMAN, S. Intoxicações agudas . 4. ed. São Paulo: Sarvier, 1991.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Complementar 15				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	DEALEY, C. Cuidando de feridas: um guia para as enfermeiras. São Paulo: Atheneu, 1996.	08	00	08
2.	MENEZES, E. M.; SILVA, M. J. A Enfermagem no tratamento de queimados. São Paulo: E.P.U. 1988.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XV				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	BERGAMINI, C. W. Avaliação de desempenho humano na empresa. São Paulo: Atlas, 1996.	08	00	08
2.	BERGAMINI, C. W. Desenvolvimento de recursos humanos: uma estratégia de desenvolvimento organizacional. São Paulo: Atlas, 1990.	08	00	08
3.	CHIAVENATTO, I. Gerenciando pessoas. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1993.	08	00	08
4.	CHIAVENATTO, I. Introdução à teoria geral da administração. São Paulo: Makron Books, 1993.	08	00	08
5.	DRUCKER, P. F. Administração de organizações sem fins lucrativos. São Paulo: Pioneira, 1994.	08	00	08
6.	GIANESI, I. G. N. Administração estratégica de serviços. São Paulo: Atlas, 1994.	08	00	08
7.	MOTTA, F. C. P. Teoria geral da administração. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.	08	00	08
8.	MOTTA, P. R. Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.	08	00	08
9.	MCGREGOR, D. O lado humano da empresa. São Paulo: Martins Fontes, 1992.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XVI				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	JUNQUEIRA, L. A. .P. O papel da gerência na eficácia organizacional. São Paulo: FUNDAP, 1994.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XVII				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	VIEIRA, S. Introdução à bioestatística. 3. ed. Rio de Janeiro: Campos, 1998.	08	00	08

Acervo Bibliográfico do Módulo Básico XVIII				
Item	Bibliografia	Número de Exemplares		
		Necessário	Existente	Adquirir
1.	CIANCIARULLO T. I. A hemodiálise em questão: opção pela qualidade assistencial. São Paulo: Ícone, 1998.	08	00	08
2.	LUCENA, M. D. S. Planejamento de recursos humanos, gerência de qualidade e cultura das organizações de saúde. São Paulo: Atlas, 1995.	08	00	08

13. INSTALAÇÕES DE APOIO AO ENSINO

Para o funcionamento do Curso de Graduação em Enfermagem da ESCS/FEPECS/SES, serão necessárias as seguintes instalações de apoio ao ensino: Auditórios, Biblioteca (será necessária, apenas, a complementação do acervo bibliográfico com obras pertinentes à Enfermagem), Laboratórios de Habilidades Clínicas/Morfofuncional, Laboratório de Habilidades Profissionais, Laboratório de Informática, Laboratório Central de Saúde Pública, Laboratório de Anatomia e Patologia dos Hospitais da Rede, Laboratórios Regionais de Patologia Clínica da Rede, Laboratório da Fundação Hemocentro de Brasília, Serviços de Imagenologia, do Instituto Médico Legal (já existentes na rede) e outras instalações de apoio ao curso.

13.1. Laboratório de Habilidades Clínicas/Morfofuncional

EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIOS NECESSÁRIOS AO CURSO PROPOSTO		
ITEM	DESCRIÇÃO	QUANTITATIVO
1	Armário de parede para guarda de material	10
2	Braço com músculos destacáveis	01
3	Cérebro com artérias montadas sobre a cabeça	01
4	Cérebro humano em corte mediano	01
5	Coluna clássica flexível com costelas	01
6	Coluna flexível	01
7	Coluna flexível com cabeças de fêmur e músculo	01
8	Coluna vertebral cervical com placa occipital, as 7 vértebras cervicais flexíveis com discos intervertebrais, nervos cervicais, artérias vertebrais e medula óssea	01
9	Coluna vertebral com pélvis completa de lâminas occipital; disco L3-L4, prolapso; saídas de nervo espinhal e artéria vertebral cervical; pélvis masculina; cauda equina	01
10	Coluna vertebral lombar com 5 vértebras flexíveis com discos intervertebrais, sacro com abas, cóccix, nervos espinhais e medula óssea	01
11	Coluna vertebral torácica com 12 vértebras torácicas flexíveis com discos intervertebrais, nervos torácicos e medula óssea	01
12	Coração clássico com bypass com ventrículos átrios, válvulas, veias e aorta	01
13	Coração clássico com timo com ventrículos, átrios, válvulas, veias e aorta	01
14	Coração clássico com ventrículos, átrios, válvulas, veias e aorta	01
15	Coração funcional e sistema circulatório sistema circulatório com sangue	01

16	Crânio cervical clássico, com inserções musculares	01
17	Crânio cervical clássico em 3 partes	01
18	Crânio com encéfalo, 8 peças	01
19	Crânio didático com as placas ósseas que formam o crânio em cores diferentes, montado sobre a coluna cervical, com metencéfalo, medula espinhal, nervos cervicais e artérias em cores diferentes	01
20	Crânio fetal com base, representando feto com aproximadamente 30 semanas	01
21	Crânio hidrocefalo	01
22	Crânio microcefalo	01
23	Desenvolvimento embrionário em 12 estágios	01
24	Esqueleto	01
25	Esqueleto com base móvel montada sob pélvis	01
26	Esqueleto de mão com artérias	01
27	Esqueleto pélvico, feminino com ossos do quadril, sacro com cóccix e 2 vértebras lombares	01
28	Esqueleto pélvico, masculino constituído de ossos do quadril, sacro com cóccix e 2 vértebras lombares	01
29	Estômago/camadas/parede/orifício do cárdia/piloto	01
30	Estrutura do osso que mostra um sistema harveseano completo com lamelas	01
31	Fígado com vesícula biliar	01
32	Fígado com vesícula biliar, pâncreas e duodeno	01
33	Figura muscular com sexo dual	01
34	Figura muscular masculina em 37 partes, musculatura superficial e profunda	01
35	Fisiologia dos nervos	01
36	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Órgãos Sensoriais	01
37	Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Sistema Digestivo	01
38	de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Sistema Endócrino	01
39	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Sistema Genital	01
40	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Sistema Nervoso	01
41	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Sistema Respiratório e Circulatório	01
42	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Sistema Urinário	01
43	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia e Ciências Humanos – Tecidos	01
44	Jogos de Lâminas para Microscopia Histologia Humanos	01
45	Jogos de Lâminas para Microscopia Patologia Humanos (cem lâminas)	01
46	Junta funcional do cotovelo com parte do número, ulna e rádio completos e ligamentos	01
47	Junta funcional do joelho com parte do fêmur, tíbia e parte da fibula, menisco, paleta com o tendão quadriceps e ligamentos	01
48	Junta funcional do joelho seccionada com corte longitudinal	01

49	Junta funcional do ombro com omoplata, clavícula, parte do úmero e ligamentos da junta em borracha	01
50	Junta funcional do quadril com parte do fêmur, osso do quadril e ligamentos	01
51	Laringe funcional/epiglote cordas vocais e cartilagem artenóide	01
52	Medula espinhal com segmento da medula espinhal torácica superior, lateral e longitudinalmente dividida, com raízes do nervo espinhal	01
53	Metade de cabeça com musculatura	01
54	Microscópio binocular	10
55	Modelo de mamas para auto-exame	01
56	Modelo de processo de nascimento em 5 estágios	01
57	Modelo de próstata saudável/bexiga/uretra/testículos/sínfise e reto	01
58	Modelo de pulmão/faringe, traquéia com árvore bronquial, coração, veia cava, aorta, artéria pulmonar, esôfago, 2 pulmões	01
59	Modelo estrutural de mão em 3 partes	01
60	Nariz e órgão olfativo, 6 partes	01
61	Olho clássico – 6 partes	01
62	Olho clássico em órbita, 7 partes	01
63	Olho funcional com lentes cambiáveis	01
64	Ouvido gigante versão avançada, 3 vezes o tamanho natural, 6 partes	01
65	Pélvis com gravidez, 3 partes	01
66	Pélvis demonstrativa de parto/esqueleto pélvico/feminino	01
67	Pélvis feminina com corte mediano dos órgãos, genitais/bexiga, reto e músculos pélvicos e abdominais	01
68	Pélvis masculina/corte mediano da pélvis/órgãos genitais/bexiga, reto e músculos pélvicos e abdominais	01
69	Pélvis sobre gravidez/pélvis feminina /corte mediano com gravidez de 9º mês	01
70	Perna com músculos destacáveis	01
71	Pôster da divisão da célula I	01
72	Pôster da divisão da célula II	01
73	Pôster da pele	01
74	Pôster da posição fetal antes do parto	01
75	Pôster de anatomia – circulação sanguínea em mãe e feto	01
76	Pôster de anatomia da coluna vertebral	01
77	Pôster de anatomia da junta de joelho	01
78	Pôster de anatomia da musculatura humana frontal	01
79	Pôster de anatomia de osteoporose	01
80	Pôster de anatomia do esqueleto humano frontal com ligamentos	01
81	Pôster de anatomia do olho	01
82	Pôster de anatomia do ouvido	01
83	Pôster de anatomia do pé	01
84	Pôster de anatomia do sistema nervoso posterior	01
85	Pôster de Circulação sanguínea humana	01
86	Pôster de Circulação sanguínea humana – sangue I	01
87	Pôster de Circulação sanguínea humana – sangue II	01
88	Pôster de embriologia I	01

89	Pôster de embriologia II	01
90	Pôster do coração I	01
91	Pôster do coração II	01
92	Pôster do fígado	01
93	Pôster do processo do parto	01
94	Pôster do sistema digestivo	01
95	Pôster do sistema linfático	01
96	Pôster do sistema nervoso frontal	01
97	Pôster do sistema Respiratório	01
98	Pôster do sistema vascular	01
99	Pôster do torso	01
100	Pôster dos órgãos da fala	01
101	Pôster dos órgãos internos	01
102	Pôster dos órgãos pélvicos femininos	01
103	Pôster dos órgãos pélvicos masculinos	01
104	Pôster dos órgãos respiratórios	01
105	Pôster dos rins	01
106	Pôster e dentição saudável	01
107	Pôster estruturas ósseas	01
108	Rins, néfrons, vasos sanguíneos e corpúsculos renais	01
109	Seção de pele, 40 vezes o tamanho natural	01
110	Seção de rim	01
111	Seção frontal e lateral da cabeça	01
112	Seção lateral da cabeça	01
113	Série clássica de gravidez	01
114	Série sobre gravidez	01
115	Simulador de parto clássico	01
116	Simulador de posicionamento fetal	01
117	Simulador ginecológico	01
118	Sistema digestivo com: nariz, cavidade bucal, faringe, esôfago, trato-gastrointestinal, fígado com vesícula biliar, pâncreas, baço, duodeno, ceco e reto abertos: colo- transversos e esôfago	01
119	Sistema nervoso	01
120	Sistema urinário com sexo dual	01
121	Torso bissexual com músculo e dorso aberto, 31 partes, demonstra musculatura, superficial e profunda, vértebras, medula espinhal, nervos espinhais e artérias vertebrais. Apresenta órgãos genitais masculinos e femininos, descobre estruturas internas do cérebro	01
122	Torso em disco, dividido horizontalmente em 15 partes que se movimentam em torno de seu eixo sagital e na superfície de cada corte individual	01
123	Torso, masculino e feminino, em 24 partes	01
124	Vértebras lombares com disco prolapso com nervos espinhais e medula	01
125	Vértebras lombares flexivelmente com 3 vértebras lombares flexíveis, com nervos espinhais e medula	01

13.2. Laboratório de Habilidades Profissionais

O laboratório de habilidades profissionais deverá ser composto de equipamentos e materiais necessários à aquisição de habilidades:

13.2.1. Equipamentos/Mobiliário

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANTITATIVO
1	Ambu adulto (reanimador manual)	02
2	Ambu infantil (reanimador manual)	02
3	Aparelho de Pressão Arterial Adulto	10
4	Aparelho de Pressão Arterial Infantil	05
5	Aparelho de telefone	01
6	Armários de parede	10
7	Berço	01
8	Biombo duplo	04
9	Braço infantil para aferição de pressão arterial c/monitor	04
10	Braço para punção venosa	04
11	Braço para treino de injeção intramuscular	04
12	Balança adulto com haste milimetrada para medir altura	01
13	Balança infantil com haste milimetrada para medir altura	01
14	Banco giratório	20
15	Balde de inos	08
16	Bandeja Inox Retangular G	08
17	Bandeja Inox Retangular M	08
18	Bandeja Inox Retangular P	08
19	Bacia Inox	08
20	Cadeira de Rodas	01
21	Cadeira fixa	10
22	Cama hospitalar	08
23	Carro de curativo	01
24	Comadre	08
25	Compadre	08
26	Cuba rim	08
27	Cuba redonda tamanho médio	08
28	Escadinha	08
29	Estetoscópio	08
30	Hamper/ Porta saco redondo	04
31	Jarra de inox	08
32	Laringoscópio	02
33	Manequim corpo inteiro com painel eletrônico de avaliação-RCP	04
34	Manequim de Enfermagem Adulto com órgãos internos	04
35	Manequim de Enfermagem Infantil com órgãos internos	04
36	Mesinha de Cabeceira	08
37	Mesa de Mayo	02
38	Mesa Auxiliar	02
39	Mesinha de Refeição	08
40	Mesa tipo escrivaninha	01
41	Maca (tipo Padiola)	02
42	Pinça Pean 16 cm	08
43	Pinça dente de rato 15 cm	08
44	Pinça Cheron 25 cm	08

45	Simulador – região da coxa e glúteo para treino.	04
46	Simulador para a cateterização masculina e feminina e cuidados com ostomias	04
47	Suporte de Soro	08
48	Tesoura reta 15 cm	08
49	Torso com braços e pulsação carótida – Simulador – RCP	04

13.2.2. Material de Consumo

Material de Almoxarifado

	DESCRIÇÃO	QUANTITATIVO
1	Absorvente Higiênico Hospitalar ou Similar	
2	Abaixador de Língua	
3	Aparelho para Tricotomia	
4	Escova para Unhas de cerdas macias	
5	Estetoscópio de Pinard	
6	Fita Adesiva Hospitalar	
7	Fita Adesiva para Autoclaves	
8	Fita Métrica	
9	Fralda Descartável para Recém Nascido	
10	Fralda Descartável para Criança 5 A 11 kg	
11	Fralda para Adulto (Fraldão)	
12	Gorro Descartável masculino e feminino	
13	Invólucro para Cadáver Adulto	
14	Invólucro para Cadáver Infantil	
15	Lençol Descartável	
16	Máscara Descartável	
17	Pilhas para equipamentos	
18	Pulseira para Identificação Parturiente e seu Recém-Nascido	
19	Saco Plástico	
20	Travesseiro	
21	Turbante Cirúrgico Descartável	
22	Roupa	
	▪ Colcha de Piquet	
	▪ Saco de Harper	
	▪ Capa para biombo	
	▪ Lençol para cama	
	▪ Lençol móvel	
	▪ Lençol para paciente	
	▪ Cobertor	
	▪ Fronha	
	▪ Toalha de Banho	
	▪ Toalha de Rosto	
	▪ Travesseiro	
	▪ Impermeável	
	▪ Campo simples de 50 x 50 cm, 70 x 70 cm, 90 x 90 cm e 120 x 120 cm	
	▪ Campo duplo de 50 x 50 cm, 70 x 70 cm, 90 x 90 cm e 120 x 120 cm	
	▪ Campo fenestrado de vários tamanhos	
	▪ Camisola	
	▪ Capote cirúrgico	
▪ Camisa de paciente		
▪ Calça de paciente		

Material de Farmácia

	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
1	Agulha Hipodérmica Estéril Descartável	
2	Algodão Hidrófilo Branco, 500 g	
3	Almotolias	
4	Atadura de Crepon de 13 Fios	
5	Bolsa Coletora de Urina, sistema aberto	
6	Bolsa Coletora de Urina, descartável (unissex) com capacidade para 2.000 ml	
7	Bolsa para Água Quente	
8	Bolsa para Gelo	
9	Bolsa para Ostoma intestinal adulta, Saco transparente	
10	Bolsa para Ostoma intestinal adulta, Saco opaco	
11	Bolsa para Ostoma Intestinal Infantil, transparente	
12	Bolsa para Ostoma Intestinal Infantil opaca	
13	Cateter Intravenoso Estéril	
14	Cateter Nasal para Oxigênio (Tipo Óculos)	
15	Cânula para traqueostomia descartável	
16	Cânula endotraqueal todos os números	
17	Caixa para perfurocortante	
18	Coletor de Urina Para Incontinência Masculina	
19	Coletor de Urina Sistema Fechado	
20	Compressa de Gaze 7,5 X 7,5 cm, Estéril	
21	Compressa de Gaze 7,5 X 7,5 cm, Não Estéril	
22	Compressa de Gaze 91 x 91 cm, rolo	
23	Compressa para Campo Operatório 45x50 cm	
24	Conjunto para Nebulização completo	
25	Equipo com Câmara Graduada 100 – 180 ml	
26	Equipo Intermediário 4 vias	
27	Equipo Intermediário 2 vias	
28	Equipo para Medir Pressão Venosa Central	
29	Equipo para administração de dieta enteral	
30	Escalpe Apirogênico Estéril	
31	Esparadrão Cirúrgico Branco	
32	Espátula de Ayres	
33	Fita Cirúrgica Hipoalergênica Branca	
34	Indicador Biológico Auto Contido com tempo de Resposta de no máximo 3 horas – Caixa com 50 ampolas	
35	Indicador de Ar Residual	
36	Integrador Químico para Monitoração do Ciclo de Esterilização a Vapor (Tipo STERIGAGE)	
37	Lâmina de bisturi nº 10, 11, 12, 15, 20, 22 e 24	
38	Luva Cirúrgica Especial	
39	Luvras Cirúrgicas	
40	Luvras para Procedimento Estéril	
41	Luvras para Procedimento Não Estéril	
42	Luvras Sintéticas para Procedimentos não Estéril confeccionada em nitrile ou vinil, com ausência de lubrificante à base de amido	
43	Máscara de Venturi	
44	Máscara Descartável	

45	Máscara Descartável Cirúrgica	
46	Máscara Facial para Nebulização Contínua Em UTI	
47	Papel Grau Cirúrgico	
48	Seringas Descartáveis Agulhada	
49	Seringas Descartáveis para Quimioterapia (1, 2, 3, 5, 20 e 60 ml)	
50	Sonda de Foley de Silicone - 02 Vias nº 06, 08, 10 e 12	
51	Sonda de Foley 2 Vias nº 14, 16, 18, 20 e 22	
52	Sonda de Foley 2 Vias nº 08, 10 e 12	
53	Sonda Nasogástrica Longa	
54	Sonda para Aspiração Traqueal	
55	Sonda para Nutrição Enteral nº 6 e 8 (infantil)	
56	Sonda para Nutrição Enteral nº 12 (adulto)	
57	Sonda Retal	
58	Sonda Uretral	
59	Tecido não Tecido – SMS – diversos tamanhos (folhas)	
60	Termômetro Clínico	
61	Tubo de Látex Nº 204	
62	Tubo de Silicone	
63	* Soluções	* O quantitativo das soluções será solicitado posteriormente, pelos docentes responsáveis pelo laboratório, devido prazo de validade determinado das mesmas. O material de consumo, à exceção do relacionado no laboratório de habilidades de Enfermagem, será solicitado posteriormente, no momento da implantação do curso pelos docentes responsáveis pelos laboratórios.
	Álcool gel - litro	
	Água destilada para injeção – ampola de 3, 5 e 10 ml	
	Solução limpadora à base de enzimas – litro	
	Solução degermante, antisséptica e alcoólica – litro	
	Éter Sulfúrico – litro	
	Soro fisiológico de 250 e 500 ml	
	Soro glicosado a 5% de 250 e 500 ml	
	Solução de Ringer Lactato de 500 ml	
Solução de Ringer Simples de 500 ml		

13.2.3. Mobiliário Geral

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANTITATIVO
1	Aparelho de Fax	01
2	Aparelho de telefone	12
3	Armário de Aço	11
4	Armário de parede tipo escaninho	10
5	Cadeira Fixa	30
6	Cadeira Giratória com braço	26
7	Cadeira Giratória sem braço	06
8	Cadeira para professor	04
9	Carteira escolar para canhoto	10
10	Carteira escolar para destro	160
11	Computador	12
12	Data Show	04
13	DVD	03
14	Impressora	07
15	Mesa oval grande para sala dos professores	01

16	Mesa oval média para reunião	01
17	Mesa para computador	12
18	Mesa para professor	04
19	Mesa tipo escrivaninha	10
20	Quadro branco	04
21	Refrigerador	02
22	Retroprojeter	02
23	Scanner	01
24	Tela branca para projeção	04
25	Televisor	03

13.3. Auditórios

Localização	Nº de Unidades	Área(m ²)	Nº de Lugares
▪ Fundação de Ensino e Pesquisa de Ensino em Ciências de Saúde – FEPECS	02	299,2	208
		128,80	98
▪ Hospital de Base do Distrito Federal - HBDF	07	130	98
		28	30
		36	30
		36	30
		-	30
		36	30
		-	30
▪ Hospital Regional da Asa Sul – HRAS	03	145	120
		31,5	36
		31,5	36
▪ Hospital Dia	01	95	30
▪ Hospital Regional da Asa Norte – HRAN	01	150	147
▪ Hospital de Apoio de Brasília – HAB	01	99	60
▪ Hospital Regional de Taguatinga – HRT	01	105	75
▪ Hospital Regional de Ceilândia – HRC	01	114	70
▪ Instituto de Saúde Mental – ISM	02	108	40
		132	50
▪ Hospital Regional do Guará – HRGu	01	67	40
▪ Hospital São Vicente de Paulo – HSVP	01	65	35
▪ Hospital Regional do Gama – HRG	01	117	50
▪ Hospital Regional de Planaltina – HRPL	01	87	60
▪ Hospital Regional de Brazlândia – HRBz	01	48,97	40
▪ Hospital Regional do Paranoá – HRPa	01	-	130
▪ Hospital Regional de Sobradinho – HRS	01	-	65
▪ Hospital Regional de Samambaia – HRSam	-	-	-
▪ Laboratório Central – LACEN	01	-	70
▪ Fundação Hemocentro de Brasília – FHB	01	-	100
▪ Diretoria de Saúde do Trabalhador – DISAT	01	-	30
Centro de Orientação Médico Psico-Pedagógico – COMPP-		-	-
▪ Diretoria de Vigilância Ambiental - DIVAL	01	-	30
Total de Unidades	30	-	-

Fonte: Assessoria de Comunicação/FEPECS

14. ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA DO CURSO

A administração acadêmica do curso deverá contar com instalações adequadas e seguras, incluindo os seguintes ambientes, materiais e quantitativos:

Ambientes	Materiais	Quantidade
Coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 Coordenador ▪ 2 Assistentes ▪ 1 Agente Administrativo 	Aparelho de Fax	01
	Aparelho de Telefone	04
	Armário de parede tipo escaninho	01
	Armário de Aço	03
	Cadeira Fixa	04
	Cadeira Giratória	04
	Computador	04
	Impressora	02
	Mesa oval média	01
	Mesa para Computador	04
	Mesa tipo escrivaninha	04
	Refrigerador	01
	Scanner	01
Gerência de Desenvolvimento Docente e Discente <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 Gerente ▪ 1 Agente Administrativo 	Aparelho de Telefone	02
	Armário de Aço	02
	Armário de parede tipo escaninho	01
	Cadeira Fixa	02
	Cadeira Giratória	02
	Computador	02
	Impressora	01
	Mesa para Computador	02
	Mesa tipo escrivaninha	02
Gerência de Educação e Avaliação <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 Gerente ▪ 1 Agente Administrativo 	Aparelho de Telefone	02
	Armário de Aço	02
	Armário de parede tipo escaninho	01
	Cadeira Fixa	02
	Cadeira Giratória	02
	Computador	02
	Impressora	01
	Mesa para Computador	02
	Mesa tipo escrivaninha	02

Ambientes	Materiais	Quantidade
Sala dos Professores ▪ 34 professores	Aparelho de Telefone	02
	Armário de parede tipo escaninho	06
	Armário de Aço	02
	Cadeira Fixa	20
	Cadeira Giratória	02
	Computador	02
	DVD	01
	Impressora	02
	Mesa Oval Grande 2.00 x 0.90 x 0.75 cm	01
	Mesa para Computador	02
	Refrigerador	01
	Televisor	01
Sala de Aula ▪ 10 salas	Cadeira para Professor	10
	Carteiras Escolares	100
	Data Show	04
	DVD	02
	Mesa do Professor	10
	Quadro Branco	10
	Retroprojektor	02
	Tela Branca - Projeção	04
	Televisor	02
Biblioteca	CDs Room e fitas	20
	Livros	2050
	Periódicos	5
	CDs Room e fitas	20

14.1. Outras Instalações de Apoio (Já Existentes)

Serão necessárias para o oferecimento do curso:

- 01 sala com capacidade para 120 pessoas (auditório da ESCS), em condições para projeção de data show, vídeo, retroprojektor e projeção de slides;
- 01 sala multimídia para guarda de: TV, vídeo, DVD, retroprojektor, projetor de slides, data show e tela-branca.

15. ESTRATÉGIAS PARA IMPLANTAÇÃO DO CURSO

Considerando que este Projeto está sustentado em uma concepção pedagógica inovadora e transformadora, faz-se necessário estabelecer estratégias/atividades para sua implantação e acompanhamento.

Estratégias/atividades

- Apresentação e discussão do Projeto Político-Pedagógico, visando sua implantação com os atores envolvidos, a fim de estabelecer parcerias.
- Estabelecimento de convênios com instituições de produção de serviços de saúde para a realização das atividades práticas do curso.
- Contratação de consultoria para elaboração do guia curricular.
- Elaboração do Guia Curricular, juntamente com os professores, para a realização dos módulos, envolvendo:
 - ✓ Unidade temática com descrição das competências específicas e habilidades, conhecimento requerido, seqüências de atividades discentes e docentes;
 - ✓ Avaliação do processo de ensino-aprendizagem com definição dos critérios e construção dos instrumentos de avaliação;
 - ✓ Acompanhamento e avaliação do processo de implantação do curso por um grupo de consultores com experiência em currículo integrado;
 - ✓ Incremento de bolsas de incentivo à pesquisa, de monitoria, de extensão e outras, para o estudante com a finalidade de facilitar as atividades de pesquisa e extensão, possibilitando a integração dessas atividades no processo de ensino-aprendizagem.
- Capacitação relacionada à concepção pedagógica adotada e ao processo metodológico para os docentes e enfermeiros do serviço, envolvidos na operacionalização do curso.
- Elaboração de normas de funcionamento do curso, a partir das diretrizes e do Regimento da ESCS/FEPECS/SES.
- Elaboração do manual do estudante.

Reafirmamos que este processo é fundamental para a operacionalização do currículo integrado, pois este envolve uma mudança de paradigma no processo de ensino-aprendizagem, criando condições para que o estudante seja o sujeito ativo nesse processo.

Assim, acreditamos que este é o caminho para a formação do profissional e do cidadão conscientes da sua atuação para a transformação da sociedade.

16. REFERÊNCIAS

ARAUJO, E. C. et al. Assistência de Enfermagem pela problemática do INAMPS. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 32., 1980, Brasília. **Anais...** Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 1980.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Especial Educação. **Boletim informativo da Associação Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 44, n.2, jul./ago./set./2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Relatório final do levantamento de recursos e necessidades de Enfermagem no Brasil, 1956-1958**. Brasília: ABEn, 1980. 97 p.

BADUY, R. S.; OLIVEIRA, M. do S. M. Pólos de formação, capacitação e educação permanente para os profissionais das equipes de saúde da família: reflexões a partir da prática no pólo Paraná. **Olho Mágico**. Londrina. Universidade Estadual de Londrina, v.8, n.2, maio/ago., 2001.

BARROS, S. M. P. Política Educacional em Enfermagem. *In* Seminário: A prática de Enfermagem e o currículo de graduação. Ribeirão Preto. **Anais...** 1985, p. 13-33.

BRASIL. Lei nº 7.498 de 26 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília. Imprensa Nacional, 26 jun. 1986. Seção 1. p. 9273 – 5.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. **Desenvolvimento do ensino superior de Enfermagem no Brasil**. Brasília, 1975.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. **Expansão do ensino superior de Enfermagem no Brasil: 1974 a 1980**. Brasília, s/d.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. Comissão de Especialistas de Ensino de Enfermagem. Seminário sobre o ensino de Enfermagem. **Anais...** Rio de Janeiro, 1987.

BRASIL Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. **Programa de integração docente-assistencial – IDA**. Brasília, 1981. (Cadernos de Ciências da Saúde).

BRASIL. Ministério da Educação e dos Desportos. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem. **Resolução CNE/CES nº 3**, de 7 nov. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Coordenação Geral da Educação Profissional. **Referências curriculares nacionais: área profissional saúde**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Assessoria de Comunicação Social. **Plano quinquenal de saúde: a saúde do Brasil Novo**. Brasília, 1991.

BRASIL. Ministério da Saúde. Projeto de profissionalização dos trabalhadores da área de Enfermagem – PROFAE. **Revista Formação**. Brasília. Ministério da Saúde, v.1, n.1, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Formação pedagógica em educação profissional na área de saúde: Enfermagem: núcleo estrutural: proposta pedagógica: avaliando a ação 8**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão de Investimento em Saúde. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores na Área de Enfermagem. **Revista Formação**, Brasília. Ministério da Saúde, n. 7, p.73-87, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão de Investimento em Saúde. Classificação Brasileira de Ocupações - 2002 perspectivas para análise do mercado de trabalho em Saúde com o foco na Enfermagem. **Revista Formação**, Brasília. Ministério da Saúde, n. 6, p.55-69, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão de Investimento em Saúde. Nova gestão em saúde prioriza Recursos Humanos. **Revista Formação**, Brasília. Ministério da Saúde, n. 7, p. 121-126, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária Geral Secretária de Modernização Administrativa e Recursos Humanos. **A educação continuada de enfermeiros no Sistema Único de Saúde**. Brasília, 1990. (Educação Continuada. 1990).

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Geral de Desenvolvimento de Recursos Humanos para o Sistema único de Saúde. **Formação superior em saúde: tendências da graduação no período de 1985/1991**. Brasília, 1993.

CAMPINO, A. C. C. Economia e saúde na política de desenvolvimento do País. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 35., São Paulo, 1985. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Enfermagem, 1985.

CARDOSO, F. A. **Criação e Consolidação do Curso de Enfermagem na Universidade de Brasília: uma história de tutela (1976-1986)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002 (Dissertação de mestrado).

CARVALHO, A. C. de. **Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976: documentário**. Brasília: ABEn, 1976.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE RECURSOS HUMANOS EM SAÚDE, 2., 1993. Brasília, **Relatório final...** Brasília: Ministério da Saúde, 1993.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE RECURSOS HUMANOS PARA A SAÚDE, Brasília, 1986. **Relatório final**. Brasília: Ministério da Saúde, 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 7, Brasília, **Relatório final**. 24-28 mar. 1980.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8, Brasília, **Relatório final**. 10-12 out. 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 9, Brasília, **Relatório final**. 09-14 ago. 1992.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer nº 163, de 28 de janeiro de 1972. Currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e obstetrícia. Relator: Clóvis Salgado, Tharcísio Damy de Souza Santos Valmir Chagas. **Documenta**, Brasília, n. 135, p. 261 - 264, fev. 1972.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM – COFEN/ABEN. **O exercício da Enfermagem nas instituições de saúde do Brasil 1982-1983**: a força de trabalho em Enfermagem. Rio de Janeiro, 1985.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília. Imprensa Nacional, 09 nov. 2001. Seção 1, p. 37.

DÍAZ, B. J; PEREIRA, A. M. **Estratégia de ensino-aprendizagem**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 312 p.

FRAGA, C. : ROSA, A . S. Reformas Curriculares. **Educ. Méd. Salud**, v.14, n.2, 1980.

FREJAT, J. **Plano de assistência à saúde no Distrito Federal**. Brasília: Fundação Hospitalar do Distrito Federal, 1980.

FREJAT, J. **Atenção primária à saúde no Distrito Federal**. Brasília: Fundação Hospitalar do Distrito Federal, 1980.

GERMANO, R. M. **Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

GIRARDI, S. Força de trabalho no setor saúde. **Divulgação em Saúde para Debate**. Londrina. CEBES, v.4, p. 103-7, jun. 1991.

GIRARDI, S.N. **Dossiê**: mercado de trabalho no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde. 1999. 133p.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. FEPECS. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da ESCS. Brasília, 2001.

GUSSI, M. A . **Institucionalização da psiquiatria e do ensino de Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1987 (Dissertação de mestrado).

HILDEBRAND, S. M. **Mercado de trabalho para enfermeiros no Distrito Federal e formação profissional na UnB: 1980-1993**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1994 (Dissertação de mestrado em Enfermagem).

LAMÊGO, B. L. **Relação ensino/serviço na formação do enfermeiro**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Escola de Enfermagem, 2000. (Dissertação de mestrado em Enfermagem).

LIMA, M. J. **O que é Enfermagem**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

MACHADO, M. H. (Coord.). **Perfil dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família no Brasil: relatório final**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

MEDICI, A. C. A força de trabalho em saúde no Brasil dos anos 70: percalços e tendências. *In: _____*. **Texto de apoio: planejamento I: recursos humanos em saúde**. Rio de Janeiro: ENSP/ABRASCO, 1987.

MELO, Henrique Bandeira de. Plano geral da rede médico hospitalar de Brasília. **Revista do Serviço Especial de Saúde Pública**, t. XI, n.1, 1959. (separata).

MENDES, E.V. As políticas de saúde no Brasil nos anos 80: a conformação da reforma sanitária e a construção da hegemonia do projeto neoliberal. *In: MENDES, E. V.(Org)*. **Distrito Sanitário: o processo social de mudança das sanitárias do Sistema Único de Saúde**. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1993.

Secretaria Municipal de Saúde. **Programa Saúde da Família: saúde começa em casa.** Ipatinga, 2002.

NAKAMAE, D. D. **Bases para o encaminhamento da questão do ensino de Enfermagem.** São Paulo: USP/Escola de Enfermagem, 1986. (Tese de doutorado).

NAKAMAE, D. D. **Novos caminhos da Enfermagem: por mudanças no ensino e na prática da profissão.** São Paulo: Cortez, 1987.

NOGUEIRA, R. P. A política de saúde e a formação de recursos humanos. *In: SEMINÁRIO A PRÁTICA DE ENFERMAGEM E O CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO.* Ribeirão Preto, 1985. **Anais...** Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, 1985.

NORONHA, A. B. de et al. Graduação: é preciso mudar transformações dependem de políticas de educação e de saúde. **RADIS comunicação.** n.5, dez. 2002.

OGUISSO, T. A Legislação do ensino de graduação em Enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP.** São Paulo, v. 10, n.2, p. 202-218, 1976.

OLIVEIRA, F.V.S. **Associação Brasileira de Enfermagem: mudanças e continuidade: a propósito do movimento participação (1979/1989).** Natal: UFRN, 1990. (Dissertação de Mestrado).

PAIM, J.S. A universidade e a reforma sanitária. **Divulgação em Saúde para Debate,** Londrina. CEBES, v.4, jun,1991.

PIRES, D. **Hegemonia médica na saúde e a Enfermagem.** São Paulo: Cortez, 1989.

ROCHA, S.M.M.; ALMEIDA, M.C.P. de. O processo de trabalho da Enfermagem em saúde coletiva e a interdisciplinaridade. **Revista Latino Americana de Enfermagem,** Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p.96-101, dez., 2000.

SEPLAN. **Avaliação e Perspectiva**. Brasília: CNPq, 1983, v.6 (Ciências da Saúde, 38 Enfermagem).

TANCREDI, F. B. ; FEVERWERKER, L. C. M. Impulsionando o movimento de mudanças na formação dos profissionais de saúde. **Olho Mágico**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v.8, n.2, maio/ago, 2001.

ULYAMA, I. K ; Martins, J. T. LDB e Diretrizes Curriculares: aplicação no currículo integrado do curso de Enfermagem da UEL. **Olho Mágico**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, ano 5, n. 20, out, 1999.